

I 9

JUNHO 2003

AMS

CADERNOS MARISTAS

ESTUDOS

- **M. Vernet e seu fracasso na fundação dos Irmãos**
Irmão Alain DELORME
- **Ensaio sobre as origens da Espiritualidade Marista**
Irmão André LANFREY
- **M. Champagnat, seu espírito e sua personalidade**
Irmão Paul SESTER

DOCUMENTOS

- **O Irmão Franciso fala do P. Champagnat**

Instituto dos Irmãos Maristas

SUMÁRIO

FMS CADERNOS MARISTAS
N.º 19 – Ano XIV – Junho de 2003

Chefe de redação:
Ir. Paul Sester

Diretor técnico:
Ir. Lluís Serra

Colaboradores neste número:
Irs. Alain Delorme, André Lanfrey
e Paul Sester

Coordenador de traduções:
Ir. Henri Réocreux

Tradutores:
Português: Ir. Claudio Girardi
Espanhol: Irs. Fabricio Galiana,
Teodoro Barriuso
e Francisco Castellanos
Inglês: Irmã Constance Perreault, p.m., e
Ir. Guy Morel

Diagramação e Fitolitos:
TIPOCROM S.R.L. – Roma

Redação e Administração:
Piazzale Marcellino Champagnat, 2
C.P. 10250 - 00144 ROMA
Tel. (39) 06 54 51 71
Fax (39) 06 54 517 217
E-mail: publica@fms.it
Site Web: www.champagnat.org

Edita:
Istituto dei Fratelli Maristi.
Casa Generalizia – Roma.

Imprime:
C.S.C. GRAFICA, s.r.l. - Roma

ESTUDOS

- **M. Vernet e seu fracasso na fundação dos Irmãos**
Irmão Alain DELORME 3
- **Ensaio sobre as origens da Espiritualidade Marista**
Irmão André LANFREY 19
- **M. Champagnat, seu espírito e sua personalidade**
Irmão Paul SESTER 53

DOCUMENTOS

- **O Irmão Francisco fala do P. Champagnat** 73

M. Vernet (1760-1843), Vigário Geral de Viviers, e seu fracasso na fundação de um Instituto de Irmãos

Irmão. Alain DELORME, FMS

Estas linhas se inspiram nas 266 cartas escritas, pelo P. Vernet, aos responsáveis parisienses da companhia de São Sulpício. Estão nos arquivos dos Sulpicianos, na “Rue du Regard, 6”, Paris (6.º).

Pudemos consultá-las, graças à amabilidade do P. Irineu Noye, arquivista (Dossiê 26 G. III, Viviers).

A esta fonte, é preciso acrescentar as informações tiradas do livro de Nicolas Daberet: *Vida do P. Vernet, Padre de São Sulpício, Superior do Seminário Maior de Viviers, Vigário Geral da Diocese, Fundador e Superior da Congregação das Irmãs da Apresentação de Maria*. Lyon – Pérusse – 1848, e da obra de Anatole Moulard: *A vida apostólica da Venerável Maria Rivier, fundadora da Congregação das Irmãs da Apresentação de Bourg-Saint-Andéol (Ardèche) 1768-1838* – Lyon, Paris – Emmanuel Vitte 1934.

Depois de apresentar alguns rasgos da personalidade do P. Vernet, descobertos a partir do estudo da correspondência que manteve, tentaremos chegar às razões do fracasso, na longa tentativa de fundação de uma congregação de Irmãos. Este fato acelerará, sem a menor dúvida, a união dos Irmãos de Viviers (que o P. Vernet tentava fundar), com nosso Instituto, em 1844. É esta a razão de nosso interesse por este estudo.

Começemos por uma breve biografia para situar o personagem.

Joseph Laurent Régis Vernet nasceu no dia 20 de setembro de 1760, em Villeneuve-de-Berg, no sul do departamento de Ardèche (A Ardèche do óleo, por oposição ao norte do departamento, à Ardèche da manteiga). Entrou no Colégio de Aubenas quando os Jesuítas se desligavam desta escola, deixando-a sob a direção de um de seus tios. Passou para o seminário de Viviers onde fez o curso de Filosofia e de Física. Foi aprovado,

com distinção, na Universidade de Valença, nos exames que lhe conferiram o título de Mestre em Artes.

Em 1778, encontrava-se em Bourg-Saint-Andéol para fazer a Teologia. Julgou então, que Deus o chamava à Congregação de São Sulpício, e partiu, para Paris, pela metade de 1784. Desde que chegou foi colocado, por M. Éméry, no que se chamava “La Solitude”, noviciado da Companhia. No começo de 1785, foi enviado para Toulouse para ocupar a cátedra de Dogma no seminário de São Carlos.

UM RESISTENTE

Foi expulso da Solitude, por ter-se recusado a prestar juramento à Constituição Civil do Clero e voltou para a Diocese de Viviers onde tentou, de acordo com as possibilidades, preservar os Padres e os fiéis das conseqüências do cisma constitucional. Obrigado a fugir para Lyon, ali exerceu o ministério de acordo com as possibilidades.

No dia 19 de março de 1795, Monsenhor D’Aviau, encarregado pelo Papa de administrar a Diocese de Viviers, governada por Monsenhor de Savine, Bispo jurado, expediu-lhe, de Roma, as credenciais de Vigário Geral. O P. Vernet vai se empenhar na administração, na reorganização e no governo desta diocese, enfrentando mil dificuldades.

Como a Diocese de Viviers, foi extinta pela Concordata de 1801, para ser anexada à de Mende, Mons. Chabot que era o Vigário desta, deu ao P. Vernet os poderes de Vigário Geral para Ardèche, no dia 30 de maio de 1802. Este apenas pode começar a restabelecer o seminário maior, em Viviers. Conseguiu-o apesar de algumas dificuldades. Acompanhou, como Superior, Maria Rivier, Fundadora da Congregação das Irmãs da Apresentação de Maria que se encontrava em grande desenvolvimento. Morreu em Bourg-Saint-Andéol, no dia 4 de maio de 1843. Seu coração está no convento das Irmãs da Apresentação, enquanto seu corpo está inumado no cemitério do seminário de Viviers. (Dados extraídos da “História Literária da Companhia de São Sulpício, por L. Bertrand, Paris CMC, Livraria Alphonse Picard, 82, Rua Bonaparte – Tomo II, pp. 2151/152).

O SULPICIANO

O P. Vernet sempre timbrou em ser um discípulo fiel de Olier. Não sabemos em que circunstâncias se juntou à companhia, em 1764, aos 24

M. VERNET E SEU FRACASSO NA FUNDAÇÃO DE UM INSTITUTO DE IRMÃOS

anos. Mas é certo que o Noviciado feito na Solitude, em Issy, o transformou num perfeito sulpiciano. A correspondência que manteve demonstra seu cuidado de fidelidade ao Fundador.

Assim, numa carta ao P. Garnier, Diretor do Seminário de São Sulpício, para lhe anunciar a morte de um coirmão e amigo, escreve: *“Tenho a tristeza de lhe anunciar a morte do P. Pontanier... Tinha em toda sua conduta, o espírito da Congregação: grande aversão aos costumes mundanos; espírito de pobreza, grande simplicidade e modéstia no vestir, nos móveis; sobriedade e mortificação edificantes, preferindo sempre o que há de mais comum... A companhia perde com ele, um de seus mais preciosos membros... e eu perco nele, um apoio, um conselheiro, um amigo... O P. Pontanier foi enterrado no cemitério de nossas irmãs de Bourg-Saint-Andéol da qual, é, em parte, fundador...”* (Viviers, 20 de outubro de 1824, carta n.º 55).

O P. Vernet se esmerava em descobrir e acompanhar os candidatos à companhia. Assim, numa carta do dia 19 de dezembro de 1822, ao P. Duclaux, escrevia: *“Veio um senhor de Valença, ultimamente, falar comigo, a respeito de vocação. Deseja muito entrar nos sulpicianos. Mas é preciso esperar que recupere a saúde que perdeu, praticando a Retórica, em Valença. Tem muita facilidade para o ensino. Chama-se Mazelier. Acho que aceitaria facilmente de ir para o Canadá... Acho que o Bispo de Valença consentirá na partida de Mazelier, na esperança de ter sulpicianos em seu seminário. Como o Padre de Mende, também espera. Mas meus confrades e eu esperamos que não será nem lá, nem lá (sic!), e que São Sulpício poderá crescer em vocações: os habitantes de Mende e de Valence, têm um caráter, um temperamento que não é próprio da companhia. M. Mazelier é uma exceção”.* (Carta n.º 41)

O candidato anunciado nada mais é do que o Sr. Francisco Mazelier, futuro Superior dos Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux. Não se fez pois Sulpiciano e lastimamos que o P. Vernet não tenha dito em sua carta no que é que o Sr. Mazelier constituía uma exceção.

Muitas vezes, na correspondência, com o Superior de São Sulpício, o P. Vernet mencionava o envio de candidatos a São Sulpício. Descrevia as qualidades e fraquezas dos mesmos. Mantinha contato com os que mandou para a capital. Assim aconteceu com o Sr. Loiz Deluol nascido em Saint Privat, perto de Aubenas, no dia 17 de junho de 1787. A respeito dele, falava com o P. Duclaux numa carta do dia 18 de novembro de 1816: *“O sr. Deluol esperará suas últimas decisões”.*

A este jovem sacerdote escreveu, no dia 22 de fevereiro de 1817: *“Quanto a você, sem deixar de ser devoto de Santo Inácio, (tinha pensado*

em ser jesuíta) não pense senão em se tornar digno de formar bons sacerdotes. Esta obra não é menos gloriosa para Deus nem menos vantajosa para a Igreja. Sim, é preciso ser um verdadeiro discípulo de Olier, ter seu espírito, seu zelo para o clero, seu amor por Jesus Cristo, sumo sacerdote, sua confiança em Maria. Você se afeiçoará sempre mais a isso. Gostaria de partilhar sua felicidade. Oxalá me fosse concedido passar alguns dias na “solitude”.

Recomenda-lhe depois, de tornar seus temas de oração menos especulativos: “Parece que suas orações se dirigem mais ao espírito do que ao coração” (Carta 65).

O HOMEM DE GOVERNO

O P. Vernet teve por muitos anos, de 1795 a 1843, cargos de responsabilidade. Foi Superior do Seminário Maior de Viviers, Vigário Geral da Diocese e também Superior da Congregação das Irmãs da Apresentação de Maria. Apesar de se queixar, às vezes, do peso destas tarefas, temos a impressão de que está à vontade, nestas funções. Gozava de boa saúde e não fugia do trabalho. No dia 30 de setembro de 1816, escrevia a seu superior: “*O trabalho me cansa menos do que outra... pessoa*” (Carta n.º 27). Dom Chabot, Bispo de Mende, dizia do P. Vernet: “Trabalha como um boi” (Citado por Dabert, pág. 315).

Tinha também, inclinação para os negócios. O Sr. de Sainte Susanne, prefeito de Ardèche, declarava: “*Um homem como este, seria capaz de governar a França sozinho*”. (id. Pág. 321). Em Paris, Dom D’Hermopolis, ministro dos Cultos, confienciava a um dos chefes de divisão de seu ministério: “*O P. Vernet é o homem que deveríamos ter aqui*” (id.).

Seus talentos de administrador e de negociador fizeram maravilhas nos contatos com as autoridades civis principalmente, quando se tratou de resgatar os edifícios do Seminário Maior da cidade episcopal cuja propriedade o P. Vernet queria que voltasse à companhia. (Carta 48). Teve a alegria de lograr seus intentos.

Na correspondência com seus superiores, o P. Vernet se exprimia com franqueza. Assim em sua carta de 19 de dezembro de 1822, ao P. Duclaux declarava que não era capaz de dar conta de tudo: “*ao cargo de superior, se acrescentam: a procuradoria, uma boa parte da administração, a manutenção, a sacristia, as compras para o vestiário e a biblioteca. E com isto tudo, o cargo de Vigário Geral que eu esqueço, o mais que posso. Mas o Bispo e os Padres não o esquecem. Visto que Deus vai nos dar*

M. VERNET E SEU FRACASSO NA FUNDAÇÃO DE UM INSTITUTO DE IRMÃOS

um Bispo, para Viviers, que virá antes residir no seminário, é preciso pensar nas provisões, de vinhos, de refeições, de todos os Padres que virão visitá-lo, etc. O P. Mathon, Ecônomo, não está em condições de se ocupar destas coisas. Paro por aqui. Acho que já é demais com o que escrevi. Não quero, com isso, me queixar, mas sim, ter minha consciência em paz, caso um dia, a administração da casa passe a funcionar de mal a pior, apesar de me ter sacrificado e esgotado no trabalho” (Carta n.º 46). Nesta época, o Seminário Maior tinha 120 seminaristas, e a administração não era trabalho de pouca monta.

Ao P. Garnier Diretor de São Sulpício que queria ter sua opinião, o P. Vernet responde, de Viviers, no dia 14 de maio de 1825: O Sr. tem a gentileza de me perguntar se convém começar as visitas dos seminários. Depois de ter pesado as diversas considerações que V. Excia apresentou, parece-me que a maior glória de Deus pede que esta visita seja feita. O que o Seminário de Paris poderá sofrer com esta visita é um mal muito parcial e passageiro. Pode mesmo pensar que será muito pouca coisa porque cada um dos Padres vai dobrar de cuidados e de vigilância, e que os jovens mesmo, de acordo com o que lhes disser, antes de os deixar, criarão brio.

Por outro lado, é urgente que V. Excia. possa, por si mesma, avaliar todos os seminários, os Superiores e Diretores que os governam, a maneira como nossas regras são observadas, os abusos que possivelmente foram introduzidos, etc. Além do mais, esta visita é anunciada solenemente. É muito importante fazer observar as decisões da Assembléia Geral. Por uma carta que recebi do Padre Cartal, parece-me que V. Excia se sente levado por estas mesmas motivações (Carta 59).¹

Como Superior do Seminário, o P. Vernet tinha adquirido uma grande experiência com os jovens e queria transmiti-la através de uma obra. Em 1815, tinha começado o trabalho que chamou “*Népotien*”. Mas suas numerosas ocupações não lhe permitiram concluí-la. No dia 21 de janeiro de 1824, queixava-se a Dom Deluol, seu correspondente americano, de não poder terminar seu livro e explicava por que razões: “*o Seminário, a*

¹ M. Cartel Jean-Jacques, nascido no dia 3 de fevereiro de 1756 em Saint Martin de Polignac (Haute-Loire), entrado no seminário do Puy em 1779. Torna-se P. de São Sulpício, em 5 de abril de 1783. Foi Vigário Geral da Diocese de Viviers, ao mesmo tempo que o P. Vernet, em 1795. Após a Concordata de 1803, o P. Cartal ensina Dogma em Lyon até 1811. Em 1814, é superior do Seminário de Bordéus. Volta a Paris em 1817, por motivos de saúde. Ensina Teologia nos “solitários”. Morre aos 84 anos, no dia 14 de maio de 1840, alguns dias antes de Marcelino Champagnat. Talvez tenha sido o recrutador de Champagnat, durante o verão de 1803 (Cf. Vida. Ed. Do Bicentenário, Roma 1989, p. 8, note n.º 4)..

Diocese, o convento de Bourg, nossas construções, uma congregação de irmãos educadores, etc. etc.”

“Nepotien ou o discípulo do santuário”, aparecerá apenas em 1837, em Lyon, editado por Pelagaud, Lesne e Crozet, sucessores de M.P. Rusand, grande rue Mercière, n.º 26.

Os talentos que brilhavam no P. Vernet como homem de governo, eram acompanhados de algumas sombras. Sua aparência, à primeira vista nada tinha de atraente. Em 1815, ele mesmo, em pessoa, se queixava à Madre Rivier: *“Pode ser que me tenham faltado a delicadeza, a bondade e a consideração que eu deveria ter”*.

O EQUILÍBRIO DE UMA PERSONALIDADE

O P. Vernet era um homem de fé, um sulpiciano perfeito, um administrador de tino. Sua correspondência revela também uma personalidade equilibrada, cheia de senso prático, de atenção aos detalhes.

Assim a experiência lhe ensinou que *“os arquitetos nada entendem do que diz respeito a uma comunidade”* (Carta n.º 27 de 30 de agosto de 1820). Escrevia isso ao P. Duclas, seu Superior em Paris depois de ter examinado os planos do futuro seminário de Valença. Com relação ao Seminário de Viviers declarava: *“É um aborto de Seminário... é um monstro, um belo cavalo de paradas, mas totalmente incômodo”*. (Carta n.º 9 de 14 de novembro de 1820).

Fez questão de acompanhar, pessoalmente, apesar da presença de um arquiteto, os trabalhos empreendidos para adaptar o convento das Visitandinas de Bourg-Saint-Andéol, como casa mãe das Irmãs da Apresentação. A construção da capela do Seminário Maior, em Viviers, deu-lhe muito trabalho por causa das diversas licenças do Prefeito ou do Ministro dos Cultos que foi preciso obter.

Sua correspondência com o P. Houssard, Diretor e depois Administrador de São Sulpício, mostra a vertente “camponesa” do P. Vernet. No dia 20 de outubro de 1828, escreveu-lhe que *“as amêndoas estão baratas e se encontram em grandes quantidades. Com o mel e as amêndoas a gente tem quase um torrão de Montelimar”* (Carta 142). Montelimar, capital francesa do torrão, está muito perto de Viviers”. E é preciso saber que o Seminário de Paris se aprovisionava no sul, para o óleo de oliva, o vinho, as olivas, as castanhas. Ficamos sabendo que o mel vem de Orgnac, cidade do sul de Ardèche, em plena “garrigue” (N. do tradutor: região de terra inculta) que tem hoje certa fama por causa de um poço natural, desco-

M. VERNET E SEU FRACASSO NA FUNDAÇÃO DE UM INSTITUTO DE IRMÃOS

berto pouco antes da Segunda Guerra Mundial. O P. Vernet terminava sua carta perguntando a seu correspondente: *“O Sr. provou nossos vinhos do Languedoc? Têm cor muito forte. Neste ano são abundantes e excelentes. Conte-me algo a respeito deles. Faz um ano que nós bebemos apenas deste vinho e de primeira qualidade (vinho de Saint Gilles) a 80 francos a barrica de 684 litros...”*.

Três semanas depois, no dia 15 de novembro de 1828, torna a falar desse vinho ao P. Houssard: *“nós bebemos durante todo o ano e ainda temos. Nosso ecônomo mistura o vinho com um terço de água. O sr. poderia misturar com a metade”* (Carta n.º 144).

No dia 3 de março de 1829, escrevia ao mesmo: *“Quero fazer-lhe saborear nossas castanhas secas. Acabam de ser despachados dois sacos pesando um total de 112 quilos. Saíram de Aubenas no dia 1.º de março. Para chegar a Lyon levam dois dias.. Um saco é para o senhor. O outro, por favor, faça-o chegar ao Sr. Gossin, para ele e seus amigos. Se o sr. achar que o Sr. Ferry gostaria também de receber alguma coisa, por favor, tire uma parte deste saco. A mulher dele, tuberculosa, certamente, gostaria delas. São muito doces. Vou fazer despachar algum vinho para ele.”* (Carta 147). E acrescenta: *“Por favor, sem pressa, faça verificar, para mim, por uma pessoa capaz, a altura da estátua da Virgem de São Sulpício”*. Preci-sava deste detalhe para a instalação de um altar na capela do Seminário.

Na correspondência, o P. Vernet revelava-se homem cheio de delicadeza e de atenções. Como presente de Natal mandava vinho para seus amigos de Paris. Lemos, na carta de 6 de dezembro de 1836 ao P. Hous-sard, ecônomo: *“Não perdi de vista os vinhos de Cornas e de Mauves de que falamos”*. E transcreve a resposta de um amigo de Valença ao qual tinha pedido a opinião: *“Eu me preocupei com sua encomenda de vinho. Será fácil encontrá-lo em Cornas, comprá-lo de um particular e escolher uma boa colheita...Cornas está na frente de Valença. Mauves se encontra duas léguas acima. Acho que o vinho de Mauves é pouco inferior ao de Cornas. Um e outro são tintos e de cor forte, estomáquicos e precisam envelhecer. Veja então, caro confrade, transmita-me suas ordens e eu farei o possível para cumpri-las”*. (Carta n.º 182).

O biógrafo citado, diversas vezes, revela que o P. Vernet usava rapé *“Embora o uso do tabaco se tivesse transformado para ele, numa necessidade pelo vício que ele havia contraído, tinha-se proposto nunca usá-lo na igreja, por mais demorados que fossem as cerimônias”*. (pág. 336).

Gostaríamos de saber porque adquiriu este hábito, mas o biógrafo não diz nada e apresenta como uma mortificação o fato de ele não usar o rapé durante os ofícios litúrgicos. Isso nos lembra o que o Irmão Avit

diz a respeito do P. Colin: “Um dia, enquanto falava aos Irmãos para proibir-lhes o fumo, se serviu cinco vezes do rapê que trazia na tabaqueira”.

O SUSTENTÁCULO DE UMA FUNDADORA

O P. Vernet foi sempre o firme sustentáculo de Maria Rivier, fundadora das Irmãs da Apresentação. Nascida em 1768, em Montpezat, lugarejo de uma região montanhosa, da Ardèche, Maria Rivier começou sua obra de educação em 1794, em Thueyts, não longe de seu torrão natal. Pequena de estatura e de saúde frágil – “*tenho mais coragem do que saúde*”, dizia. Tinha um coração de apóstolo e grande irradiação pessoal.

Em 1796, encontrou o P. Vernet que, depois do P. Pontanier, será seu diretor espiritual. Não será tarefa fácil porque Maria Rivier é assaltada continuamente por escrúpulos. “*Tudo isso, dizia-lhe o Padre, não durará. Sempre esperei que Deus teria enfim piedade de você*”. Mas a cura não se deu e a fundadora foi atormentada até a morte.

Anatole Moulard, na sua biografia de Marie Rivier, escreve: “*Não devemos nunca esquecer que quando a senhorita Rivier conheceu o P. Vernet, ela tinha, por si mesma e pela inspiração e ajuda de Deus, concebido ou estabelecido ao menos em suas formas essenciais todas as suas obras: escola, asilo, pensionato, instrução das mães cristãs, formação das irmãs, evangelização dos campos, fundações, assistência aos pobres... Se a mão poderosa e providencial de Vernet se estendeu sobre toda a vida da Madre Verier, durante quarenta anos, é justo reconhecer que seu rol foi mais um rol de sustentáculo, de encorajamento e de moderação, que de criação*”. (pág. 93).

Em 1800, Dom Aviau nomeia o P. Vernet, Superior da Apresentação. No dia 5 de agosto de 1801, camuflado de cabeleireiro, o Bispo chega à Thueyts com o P. Vernet. Confirma a senhorita Verier no cargo de Superiora Geral, vitalícia. A partir de junho de 1801, por ocasião de uma visita a Thueyts, onde tinha permanecido uns dez dias, o P. Vernet tinha preparado uma redação das Constituições e das Regras. Gostava de descansar em Thueyts e de ali levar seus amigos.

Em 1798, Maria Rivier fundou suas primeiras escolas em: Coucouron, Fons, Saint Martin-de-Valamas. Quando deixou Thueyts, para se instalar em Bourg- Saint- Andéol, em 1819, tinha aberto mais de 80 escolas, a maioria, na Diocese de Viviers. Desde 1819 até sua morte (1838), abriu ainda uma cinquentena de escolas, como conseqüência de viagens que o P. Vernet qualificava como “viagens apostólicas”.

M. VERNET E SEU FRACASSO NA FUNDAÇÃO DE UM INSTITUTO DE IRMÃOS

Sentia-se satisfeito com a obra das Irmãs e do convento de Bourg-Saint-Andéol cujas reformas acompanhou. *“Nossas irmãs de Bourg valem quase (a palavra foi acrescentada) como vigários nas paróquias. Regeneraram muitas delas”*. (Carta n.º 42 ao P. Duclas, em 19 de setembro de 1821). Sempre se manteve muito apegado às irmãs. No seminário se dizia: *“Há momentos nos quais é possível pedir ao Superior todas as licenças sem nenhum medo de ter uma negativa: é quando reza a missa e quando volta de Bourg-Saint-Andéol”* (citado por Nicolau Dabert, pág. 351 numa nota). Por sua vez, a Madre Rivier tinha uma confiança total no P. Vernet.

No dia 15 de fevereiro de 1838, de Bourg-Saint-Andéol, escreveu ao P. Houssard, Diretor do Seminário de São Sulpício: *“No dia 3 deste mês, tivemos a tristeza de perder nossa Superiora e Fundadora, Maria Rivier: ela falava da alegria que sentia ao vê-lo na casa das Irmãs”*.

Depois da morte da Fundadora, que ele tinha assistido em seus últimos momentos, o P. Vernet se admirava das curas atribuídas a sua intercessão. No dia 7 de março de 1839, escreveu ao mesmo P. Houssard para lhe anunciar que a Madre Rivier tinha curado o Veneradíssimo Padre. E como seu correspondente sofria da vista, propôs-lhe de fazer uma novena para obter a cura por intercessão da Madre: *“Faremos a novena, aqui, em Viviers e no convento. Mande alguns pequenos objetos que ela usava.. Fala-se de muitas curas por sua intercessão. Em particular se fala muito da cura de uma pobre moça que tinha perdido havia muitos meses, a vista. Tenho o atestado médico em devida forma”* (Carta n.º 192).

O P. Vernet se encarrega pessoalmente de iniciar o processo de beatificação que acontecerá sob o pontificado de João Paulo II.

Maria Rivier, (1768-1838), contemporânea de Marcelino Champagnat, se assemelha a ele, em muitos aspectos: confiança em Deus, zelo, amor pelas irmãs, humildade e fé. Vejamos algumas citações da Irmã, para verificar estas semelhanças:

“Se eu tivesse tido dinheiro para fazer minhas obras, nunca teria chegado ao fim e eu não teria ousado empreendê-las; mas como não tinha nada, sempre esperei que Deus faria tudo”.

“Posso assegurar-lhes que é esta Boa Mãe que faz tudo nesta casa... Eu agia, sem por assim dizer, saber o que estava fazendo e a santíssima Virgem dirigiu tudo, fez tudo” (A suas irmãs, no dia 7 de setembro de 1821).

“Ela dizia que se pudesse, iria ao céu, para fazer São Luiz de Gonzaga, Santo Estanislau de Kostka e todos estes jovens santos que viveram pouco tempo na terra, saírem de lá, para que viessem trabalhar para Deus e salvar almas”.

“Sim, minhas filhas, dizia-lhes muitas vezes, eu sou vossa mãe e eu as carrego dentro do meu coração” (às órfãs).

Nunca abria uma escola sem um pedido formal do pároco, aprovado pelo prefeito. Exigia uma casa confortável, sem luxo. Recebia o mais possível, gratuitamente as crianças pobres e pedia aos demais as mensalidades mínimas.

O FRACASSO NA FUNDAÇÃO DOS IRMÃOS

O P. Vernet que foi um sustentáculo eficaz e permanente para a Fundadora das Irmãs da Apresentação de Maria, não conseguiu fundar os Irmãos da Instrução Cristã na Diocese de Viviers, apesar de todos os esforços.

UM COMEÇO SEM FUTURO

Desde o fim de 1803, põe os fundamentos do primeiro noviciado dos Irmãos, em Thueyts mas não pode seguir de perto esta fundação por causa das muitas responsabilidades de Vigário Geral e de Superior do Seminário Maior de Viviers. Confia a direção do Noviciado, cedo transformado em Seminário, primeiro ao P. Boisson. Este foi depois transferido como adjunto ao P. Pierre Richard, velho capelão de Nossa Senhora de Lab, no sul do departamento. O P. Richard tinha acolhido um antigo Irmão das Escolas Cristãs, Joseph Boyer, ao qual se tinham juntado quatro outros Irmãos que davam catecismo e o ensino primário às crianças das cidadezinhas vizinhas do santuário. Eram chamados Irmãos de Nossa Senhora do Bom Socorro. Jean-Antoine Boisson, apesar de seus esforços e do apoio de Vernet, não conseguiu abrir um noviciado de *“Pequenos Irmãos”*.

UMA AUTORIZAÇÃO LEGAL PARA UMA CONGREGAÇÃO QUE DEVIA NASCER

É preciso esperar a chegada de Dom André Moulin, para que os Irmãos comecem a existir legalmente, sob o nome de *“Irmãos da instrução cristã da Diocese de Viviers”*. No dia 19 de março de 1825, Dom Frayssinous comunicava ao Bispo uma ampliação da ordem real, assinada no dia 20 de março,

M. VERNET E SEU FRACASSO NA FUNDAÇÃO DE UM INSTITUTO DE IRMÃOS

pelo Rei Carlos X. (Pierre Zind, *As novas Congregações de Irmãos ensinantes, na França, de 1800 a 1830*, Saint-Génis-Laval 1909, pág. 333).

No dia 14 de maio de 1825, escrevia, de Viviers, ao P. Garnier, Diretor do Seminário de São Sulpício, em Paris: *“Não quero esquecer um negócio sobre o qual o senhor me dirá sem o menor constrangimento seu modo de pensar. M., nosso prefeito, e o Bispo, desejam muito que se estabeleça, para socorrer nossas aldeias das montanhas, e a classe indigente que aqui é muito numerosa, para os meninos, o que nossas Irmãs da Apresentação já fazem para as meninas: que cuidemos das crianças para retirá-las da miséria, educá-las nos bons costumes e na piedade. E formá-las a uma profissão. Com isso, em pouco tempo, se regeneraria esta região. A maior parte destas crianças que crescem na desocupação, jovens dos dois sexos, percorrem as ruas, para mendigar. Julguem as conseqüências disso. Gostariam que eu (sic) começasse a obra. Vejo que se eu não me meter nisso, nada será feito. Meu trabalho consistiria em formar um dos nossos seminaristas com predisposições para isso, colocá-lo à frente de um núcleo de Irmãos que se reuniriam em um dos nossos edifícios a dois passos de Viviers. Estes Irmãos formariam um Noviciado e seriam destinados a esmolar em toda a região do Vivarais e a orientar as crianças. Em seguida, seriam construídas obras, como convém. A coisa me parece muito fácil em sua execução, quando os primeiros elementos forem estabelecidos. Minha idade e minhas ocupações não me permitem acompanhar esta obra, que é muito grande e pode servir de modelo a muitos departamentos. Mas eu me sentiria feliz se pudesse traçar as linhas mestras desta obra o que para mim não seria um grande trabalho. Mas não gostaria de empreender nada, se nosso Reverendíssimo Padre Superior e o senhor achassem isto muito difícil. Trata-se apenas de um desenvolvimento e de um aperfeiçoamento do que nossas Irmãs já estão fazendo para as jovens. Os planos foram concebidos já faz tempo e são fáceis de executar. Meu plano é de confiar a obra a um de meus sobrinhos que é pároco de cantão e que me parece capaz de dirigi-la. Eu só estaria presente como conselheiro e espero que isso se dará logo”*. (Carta n.º 59).

Estas linhas são surpreendentes, da parte de um homem que, desde mais de vinte anos, acompanha a fundação de Maria Rivier e deveria portanto conhecer todas as dificuldades de uma tal obra. Nenhuma alusão aos Irmãos de Nossa Senhora do Bom Socorro: teriam desaparecido? No dia 8 de junho de 1825, anuncia ao mesmo correspondente: *“No que respeita nossa obra, o Bispo me dá, para dirigi-la, meu sobrinho, de 36 anos de idade, pessoa de bons préstimos*. (Carta 61).

UM PROSPECTO AMBICIOSO E LARGAMENTE DIFUNDIDO

Muitos anos antes da revolução de 1830, o P. Vernet redige um prospecto que comunica a altas personalidades, entre as quais, o Conde de Vogue, primeiro, deputado e depois, par da França. Os acontecimentos de julho de 1830, levam-no a publicar um prospecto no qual detalha a missão dos Irmãos. Eis alguns extratos coletados por Nicolas Dabert:

“A religião, os bons costumes, a humanidade gemem, desde há muito tempo, sobre a miséria em que vive a classe mais baixa do Vivarais, sobretudo, nas montanhas e sobre as deploráveis conseqüências desta miséria...

Além disso, há um grande número de crianças abandonadas ou achadas por ali, que o departamento confia, com grandes custos, a assistentes sociais mercenárias; outras estão em hospitais e, como ninguém se incomoda com elas, vão logo, quase todas, se confundir na mesma tropa de vagabundos.

Que obra se faria se fosse possível acabar tantos males juntos, ou pelo menos, diminuí-los!...

O meio fundamental do qual tudo o mais depende, é de reunir as crianças, para bem educá-las, ensinar-lhes os princípios religiosos, acostumá-las ao trabalho, encaminhá-las para um emprego, e torná-las assim úteis à sociedade.

Esta empresa é muito fácil em seus elementos e sua execução. Será, sem dúvida, perfeita, nos primeiros tempos: mas ela se aperfeiçoará e crescerá cada ano e é fácil perceber que num breve lapso de tempo, atingirá boa parte dos objetivos aos quais, moralmente, é permitido visar.

Esta obra de caridade deverá ser dividida em dois ramos: um para rapazes e outro para meninas.

O edifício para as meninas já está no lugar, há muito tempo, na Diocese de Viviers, com as Irmãs da Apresentação de Maria.

O que foi começado para as meninas é muito fácil fazer para os meninos. É preciso, em primeiro lugar, contar com uma Congregação que tenha os mesmos objetivos que a Congregação das Irmãs da Apresentação de Maria. Também existe e está autorizada por uma Lei do Rei: basta conferir-lhe uma orientação mais aberta que abarque a obra das criancinhas recolhidas ou abandonadas. É a Congregação dos Irmãos da Instrução Cristã, da qual já se fez uma tentativa em Nossa Senhora da Labrachère e que vamos retomar num plano mais amplo. Tudo leva a crer que não faltarão candidatos. Deverão fazer um noviciado de dois anos durante os quais será possível avaliar o grau de virtude de cada um, sua capacidade e o gênero de trabalho de que é capaz.

M. VERNET E SEU FRACASSO NA FUNDAÇÃO DE UM INSTITUTO DE IRMÃOS

Os que demonstrarem mais abertura e gosto pela educação, serão aproveitados no ensino das escolas primárias. Os demais serão aproveitados para cuidar dos mais pobres e para vigiá-los, para instruí-los na religião, para fazê-los trabalhar e para lhes ensinar um trabalho adaptado à capacidade de cada um.

Haverá então, entre estes Irmãos: trabalhadores, jardineiros, padeiros, alfaiates, sapateiros, tecelões, fiadores de roupa de lã, etc... e mesmo pedreiros, serralheiros e carpinteiros, etc...

Será preciso que estas oficinas estejam no estabelecimento e nenhuma criança deverá sair dele, sem ter sido formado numa destas profissões.

Haverá uma casa-mãe onde estará apenas o Noviciado, presidido por um Padre zeloso, com dotes para esta grande obra e nomeado pelo Bispo.

As diversas casas nas quais serão reunidos os meninos só podem estar situadas nos campos e separadas, quanto possível, de qualquer outra casa. Isto, tanto para que haja nelas maior recolhimento como também para evitar que os meninos estejam em contato com elementos da mesma idade que lhes dariam mau exemplo ou que poderiam instigá-los a deixar o estabelecimento.

É preciso também que o estabelecimento tenha propriedades bastante vastas para ocupar um grande número de braços e para construir as diversas oficinas acima mencionadas bem como as usinas necessárias.

Já possuímos duas grandes casas, contíguas, ao redor das quais há um pequeno terreno, para começar a obra e espera-se que a Divina Providência nos dê logo, os meios para conseguir terrenos maiores e então, a obra se desenvolverá sem peias.

Se Deus se dignar abençoar estes primeiros esforços, será possível fundar também estabelecimentos secundários que servirão de sucursais, para reunir, sobretudo as crianças, ainda incapazes de trabalhar". (Dabert, pp. 292/296).

Para retomar o pronome indefinido tão freqüentemente utilizado pelo P. Vernet, fica-se perplexo diante do conteúdo deste prospecto.

Como, um homem com tão grande experiência de governo, pode escrever: "*O que foi começado para as moças, é fácil fazê-lo para os meninos*" quando está a par das preocupações de Maria Rivier e não ignora que o progresso de sua obra é fruto da solicitude constante da Fundadora por suas Irmãs?

O P. Vernet enxerga longe, mas sua utopia se reveste de roupagens de quimera: bem pode esperar encontrar candidatos, fazer nomear pelo Bispo um padre zeloso para ser o responsável pelo Noviciado... tudo se encontra num futuro que não é anunciado pelo presente.

UMA FUNDAÇÃO QUE NÃO VINGA

Em 1833, diante da falta de candidatos, publica uma circular para convocar voluntários e manda os que se apresentam, formar-se em Avignon, no Noviciado dos Irmãos das Escolas Cristãs. Isto significa que não conseguiu encontrar um mestre de noviços entre os Padres de Viviers. *“Acabado o tempo do Noviciado² deste grupo, o P. Vernet reuniu-os todos ao redor dele para dar-lhes suas instruções, o hábito, os nomes, o emprego, um regulamento provisório”* (Nicolas Dabert, pág. 290). Isso se diz muito depressa, mas podemos bem nos questionar a respeito do acompanhamento destes jovens, no dia-a-dia, por um homem absorvido pelo trabalho.

MAS QUE CONTINUA UM CAMPO DE CAÇA RESERVADO

Em 1837, o P. Vernet traz para perto de si, o Noviciado, para dirigi-lo mais diretamente o que deixa entender que a obra não progredia. Sentia-se, no entanto, cioso de sua fundação pois este mesmo ano, escreve ao Arcebispo de Lyon, para que Marcelino Champagnat retire seus Irmãos das duas casas fundadas na Ardèche: Boulieu e Peaugres (Cf doc. 148 e 150 nas Cartas do Padre Champagnat, Paul Sester - Roma 1976).

Sabemos que nossos Irmãos não deixaram a região de Ardèche e que o P. Vernet confiou o governo de seus Irmãos a seu Bispo Dom Guibert. Entretanto, no dia 29 de abril de 1843, cinco dias antes de sua morte, ainda se preocupava de seus Irmãos!

Como explicar o fracasso do P. Vernet como fundador dos Irmãos de Viviers?

IRMÃOS “SEM ÂNCORAS”

Nicolas Dabert, seu biógrafo, fornece uma explicação: *“Os membros da congregação apenas deveriam estar ligados à vocação, pela livre decisão de sua vontade. Convenientemente aplicada, esta disposição pode ter*

² O Irmão Avit escreve em seus Anais: “o P. Vernet, em 1834, mandou 10 jovens ao noviciado de Avignon para que ali se impregnassem do espírito do Bem-aventurado de La Salle. Para não se endividar, chamou-os de volta, no final de TRÊS MESES”. (Anais do Instituto, Tomo II, pág. 94).

vantagens imensas. O P. Vernet tinha encontrado este dispositivo na companhia de São Sulpício e quis aplicá-lo à nova congregação das Irmãs da Apresentação. Quis introduzi-lo também na congregação dos Irmãos, mas foi a pedra de tropeço da comunidade que apenas nascia... Quando suas mãos trêmulas entregaram a obra dos Irmãos entre as mãos de Dom Guibert, já estava bem decidido a introduzir os votos de religião” (pág. 298).

Esta nota parece contradizer o que o mesmo autor diz a respeito dos candidatos voluntários que o P. Vernet manda se formar no noviciado dos Irmãos das Escolas Cristãs em Avignon. Um noviciado podia terminar sem a profissão dos votos religiosos?

Por comparação, podemos lembrar como Marcelino, desde o início de sua fundação, dá a seus discípulos uma formação à vida religiosa, embora no princípio, não se tenham comprometido senão por meio de promessas. Percebeu a importância deste compromisso para fixar os Irmãos em sua vocação.

UM FUNDADOR SEM PRESENÇA

Por causa de suas responsabilidades, o P. Vernet não tinha condições de consagrar muito tempo a sua fundação e ainda menos, viver com seus Irmãos. Não tinha escrito numa de suas cartas: *“Darei tudo à Diocese: minha fortuna minha saúde, minha vida meu espírito e meu coração”*. (Dabert, pág. 349).

Nós nos lembramos que Marcelino, desde 1818, vem morar com seus Irmãos e que ficará com eles até a morte. Compreendia que em virtude do material de que dispunha para fundar sua família religiosa, nada de sólido poderia ser realizado sem a presença do pai no meio dos filhos. O testemunho do Irmão Lourenço a este respeito é eloqüente.

Quando em 1824, sua obra recebe o apoio de Dom de Pins, Marcelino recusa ser pároco de La Valla para se consagrar à construção do Eremitério de Notre Dame.

Continua a construir o edifício espiritual de uma comunidade de Irmãos, ao mesmo tempo que levanta a casa de pedra. Diz a seus Irmãos: *“Respiro apenas por vocês”*. Os Irmãos por sua vez, chamavam-no apenas com as palavras: *“o bom pai”!*

O P. Vernet desejoso de fornecer Irmãos à diocese, tinha capacidade para organizar sua congregação redigindo uma regra, mas não foi capaz de lhe insuflar uma sopro de vida. Faltava-lhe uma mística. Por que nunca

pensou, por exemplo, em lhes dar um nome quando se sabe tudo o que isto pode significar numa caminhada espiritual? É possível imaginar a vida dos primeiros Irmãos em La Valla, sem o nome de Maria?

Em resumo, poderíamos afirmar que o P. Vernet aparece como o iniciador e o administrador de um grupo de educadores cristãos enquanto Marcelino Champagnat é o fundador e pai de uma comunidade de apóstolos da juventude.

Um ano depois da morte do P. Vernet, os Irmãos de Viviers se unem aos Irmãos Maristas, depois dos Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux (1842). Esta união originou uma rápida expansão do Instituto no sul da França, a partir da fundação do Noviciado de Labégude, transferido para Aubenas em 1878. No final do século, mais de mil Irmãos nativos do departamento de Ardèche trabalhavam nos cinco continentes. Dois de entre eles se tornaram Superiores Gerais: o Irmão Teofânio, de 1883 a 1907 e o Irmão Estratônico de 1907 a 1920.

Irmão Alain Delorme, Paris, janeiro 2001

Ensaio sobre as origens da espiritualidade marista

Irmão André LANFREY, FMS

Tendo escrito uma obra bastante grande, de 188 páginas A⁴ com o título acima indicado, e publicado pela Casa Geral de Roma, durante o Capítulo, achei bom apresentar um resumo do tamanho de um artigo. Os leitores desculparão a falta de alguns detalhes no pensamento e as poucas referências bibliográficas, diante da necessidade de ser breve.

1 - DEFINIR A ESPIRITUALIDADE

A - SUAS TRÊS COMPONENTES: ASCÉTICA, MÍSTICA, TEOLÓGICA.

Na língua francesa, o termo “*espiritualidade*”, com o sentido que hoje tem, começa a ser usado no fim do século XIX.

O P. Champagnat e o Irmão João Batista falam de “*perfeição*” e de “*santidade*” para se referir à mesma realidade. Evidentemente, esta mudança de vocabulário não é apenas formal: significa que nós evoluímos, em nossos dias, num universo mental diferente do deles.

A religião do começo do século XIX, com efeito, encontrava-se mergulhada num contexto anti-místico que se instalou no final do século XVII com a condenação do Quietismo de Molinos, da Senhora Guyon e de Fénelon. É o que um historiador da espiritualidade chamou “*o crepúsculo dos místicos*”.³ A partir dali, qualquer escrito místico cai sob a suspeita de gerar ilusões, a preguiça espiritual e mesmo, torpezas morais secretas. A santidade deve se fundamentada sobre a ascética (as famosas “*virtudes sólidas*”), a oração. A mística não é considerada senão como uma graça espe-

³ Louis Cagnet

cial que Deus concede a quem quer, uma “*via extraordinária*”, “*admirável mas não imitável*”. O que importa é a santidade adquirida pelos “*caminhos ordinários*”.

Tal modo de ver as relações com Deus tem como inconveniente o de oferecer às almas uma via mais estóica do que cristã, mais heróica do que santa. E muitos desanimaram diante de um programa que lhes oferecia uma cruz sem ressurreição. É entretanto certo, que a literatura mística anterior continuou a ser lida. E sobretudo, muitas almas continuaram a viver uma vida mística autêntica, mas o fizeram ou no silêncio, ou exprimindo suas experiências em termos ascéticos os únicos que então parecem legítimos. Dali esta enorme e medíocre produção ascética do século XIX e do começo do século XX durante a qual nós, fomos, muitas vezes, mal formados.

Voltando ao termo “*espiritualidade*”, os autores do século XX quiseram retomar uma concepção da vida espiritual mais conforme à Tradição e às necessidades das almas. Para eles a espiritualidade tem três aspectos complementares: em primeiro lugar, uma mística, “*experiência radical de passividade*” tomada de consciência de uma “*existência nova invadida por alguma coisa ou alguém que assume a iniciativa da vida*”.⁴ Mas esta passividade não se identifica com inércia: transforma o espírito e o comportamento. Exercita para uma luta contra si mesmo para aperfeiçoar as disposições espirituais. Em síntese, trata-se de uma ascese. Mas o encontro com o inefável, comunica ao ser espiritual uma inteligência das vias de Deus que lhe permite formular, a partir de sua própria experiência uma verdadeira teologia que embora fundamentada na Teologia dogmática, é antes uma Teologia da experiência.

Ao tratar de “*espiritualidade Marista*”, estarei me servindo deste tríplice aspecto, místico, ascético e teológico. Meu objetivo será o de demonstrar que nos bastidores do discurso essencialmente ascético, do Instituto, se encontram uma verdadeira mística e uma teologia espiritual de grande valor.

B - DOIS TESTEMUNHOS DE UMA MÍSTICA MARISTA.

Dois de nossos primeiros Irmãos manifestaram dons místicos que as “*Biografias de alguns Irmãos*” conservaram. O primeiro, o Irmão Doroteu. É o encarregado das vacas, quase analfabeto. Apesar disso, é considerado

⁴ Dicionário de Espiritualidade, artigo “*Mística*”, col. 1893.

um perito nas ciências dos Santos, a tal ponto que um padre que fala com ele sobre o tema do amor de Deus acaba vendo que se exprime como um doutor. Um dia, depois da refeição, o P. Champagnat o interroga sobre a leitura da Imitação que acabava de ser feita. Como não sabia o que responder, desculpou-se nestes termos: “Perdão, padre, mas o versículo da imitação que acabamos de ler me fez esquecer o resto [...] Eu notei que toda a vida de Cristo foi uma cruz e um martírio contínuos e estas palavras me impressionaram de tal modo que eu não sou capaz de me explicar”.

Assim, o Irmão Doroteu, revela em público, com toda simplicidade, que uma palavra espiritual o transportou fora de si mesmo: em êxtase, no verdadeiro sentido do termo. É preciso ler em sua biografia, o método que seguia para fazer a via sacra e para assistir a missa, essencialmente afetivo, sem palavras, ao mesmo tempo que fortemente teológico pois estava meditando sobre a Encarnação e a Redenção. O Irmão Doroteu é claramente um grande místico que ignora a si mesmo.

O Irmão Luiz, primeiro discípulo do P. Champagnat, é um espiritual muito mais sábio: sua biografia desenvolve uma longa conversa com o P. Champagnat sobre o *Tratado do Amor de Deus* de São Francisco de Sales, um dos monumentos da literatura mística.

Alguns dias antes da morte, confidenciou a um Irmão: “Meu Irmão, como o amor é suave! Como o amor é forte! Se o senhor soubesse os assaltos que o amor me faz! Na meditação, na missa e sobretudo depois da comunhão, sinto meu coração inteiramente abrasado e tão cheio de delícias inefáveis que me sinto transportado [...]. Não posso pensar em outra coisa! O amor me basta e, de hoje em diante, não quero senão estudar, contemplar e amar Jesus meu Salvador, meu amor e minha felicidade”.

Tais palavras são dignas dos maiores místicos e o fato de terem sido conservadas, mostra que o Instituto era um ambiente apto para compreender o estado de uma pessoa invadida pela presença de Deus. Entretanto, esta passagem parece hoje bem esquecida, provavelmente porque, como muitas pérolas da espiritualidade Marista, está no contexto de um trecho de tom edificante e ascético que pouco fala à nossa mentalidade.

Terminemos este parágrafo afirmando que há uma mística marista, mais vivida do que explicitamente manifestada, conservada sob a forma de resquícios em nossos textos, porque o ambiente anti-místico e a necessidade de apresentar aos Irmãos uma doutrina simples impunha um discurso ascético e normativo.

Por pouco que nos esforcemos para ler a literatura marista, com olhos espirituais, podemos observar nela, riquezas surpreendentes.

2 - A ELABORAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE DE CHAMPAGNAT

Descobrir a mística dos discípulos é voltar àquele que os formou: o Fundador. Infelizmente não nos foi deixado um texto sistemático de sua espiritualidade e devemos contentar-nos – sobretudo para os primeiros anos – com documentos raros ou que não evocam senão indiretamente este tema. É-nos porém permitido explorando as resoluções de 1812, 1815 como também seus regulamentos de férias, esboçar algumas linhas diretrizes.

A - SUA VOCAÇÃO EDUCATIVA

O primeiro eixo parece se encontrar numa expressão que volta frequentemente: “*ensinar os ricos e os pobres*”⁵ que se inscreve na tradição de São João Batista de La Salle preocupado em acolher em suas escolas os ricos e os pobres porque a doutrina cristã é para todos. O desfecho desta preocupação será a frase: “*Precisamos de Irmãos*” que assinala a originalidade do P. Champagnat no grupo Marista.

Uma grande devoção a Maria combina com este projeto. Ainda manifestada de maneira banal em 1812, toma um tom mais pessoal e mais profundo em 1815. Neste ano, com efeito, em suas resoluções, Champagnat se declara “escravo de Maria” e a oração a Maria que conclui suas resoluções de férias, deste ano, é muito mais pessoal que a do ano precedente:

1.º regulamento: (1814)

É com vosso socorro, ó Santa Virgem, que eu espero seguir este pequeno regulamento. Obtende-me que seja agradável a vosso Divino Filho e que Ele cuide de mim durante as férias e durante toda a minha vida, do pecado e de tudo o que poderia lhe desagradar. Amém. L.s.N.S.J.C (Louvado seja N. Senhor Jesus Cristo).

2.º regulamento

“Santa Virgem Maria, não ignoro que sem vossa proteção na sou capaz de cumprir fielmente este pequeno regulamento dos meus exercícios (sic) e a ocupação do tempo de minhas férias. É por isso que imploro vosso poderoso socorro junto a Deus e espero que, graças à vossa ternura, para com os pecadores, que desejam se converter, a Senhora me conseguirá benignamente a graça de cumpri-lo pontualmente e isto para a maior glória de vosso Misericordiosíssimo Filho”. Amém

⁵ Rico é quem vive numa situação que lhe permite ter uma segurança relativa. Pobre é quem vive ao léu.

Um terceiro aspecto nitidamente marcado em suas resoluções de 1812, é a luta contra o orgulho.

Parece-me pois que quando manifesta aos outros aspirantes maristas seu desejo de fundar Irmãos, Champagnat exprime uma primeira síntese de sua espiritualidade. Com efeito, que significa para um padre, a fundação de uma congregação de irmãos? É consagrar-se à última fileira do dispositivo apostólico, cujas funções mais honrosas são a pregação, as missões, os seminários, os colégios. Está disposto a uma vida de humildade, porque percebeu um chamado e certamente porque também descobriu em si o talento de se ocupar das crianças. Seu encontro com Montagne, o jovem moribundo, será a finalização de um itinerário cujo esboço já é possível perceber em 1810–1812⁶.

Acrescentemos que este itinerário é pessoal. Champagnat tem tanta consciência disso, que quase até o fim, pensará que os Irmãos não são a sociedade de Maria mas um ramo posterior, não fazendo pois parte do contrato passado entre Maristas por meio do formulário de 1816⁷. Seu encontro com Montagne é então para ele, ao mesmo tempo, um sinal do céu e uma dor de cabeça, porque como conciliar sua própria revelação com a da árvore de três ramos sonhada pelos aspirantes Maristas?

Quanto à sua relação pessoal com Maria, enriquecer-se-á no seio do grupo Marista, mesmo se, como aconteceu com muitos dos primeiros aspirantes maristas, - entre os quais J. C. Colin – Champagnat aderisse ao projeto da SM porque nela encontra o cumprimento de uma inspiração pessoal anterior.

B - O FORMULÁRIO E A CONSAGRAÇÃO DO DIA 23 DE JULHO DE 1816

Champagnat participou, com certeza, da elaboração deste documento da SM durante a primavera de 1816 e certamente também se encontrava na consagração de Fourvière. É preciso entretanto sublinhar que em sua *Vida*, o Irmão João Batista não menciona nem este fato nem o texto que então foi lido. Isso não é prova de que os Irmãos sentem que são herdeiros de uma tradição espiritual específica?

À primeira vista, o texto do Formulário⁸ parece muito elaborado. O

⁶ As resoluções de Champagnat datadas de 1812 parecem ter sido redigidas em diversas vezes.

⁷ É também o parecer de P. J. C. Colin: “A idéia deste instituto pertence pessoalmente a ele” (OM doc. 819).

⁸ Ver a edição da *Vida* em 1989, o anexo 3 no final do capítulo 3. pág. 32

leitor atento, entretanto, fica chocado por numerosas repetições como se estivesse amalgamando duas ou mais redações diferentes. A conclusão, em particular, parece autônoma do resto. Em resumo, avanço a hipótese segundo a qual o Fundador deixa trair duas ou três tendências distintas no seio do grupo marista primitivo, como podemos ver através dos cortes abaixo apresentados que mostram que, graças a pequenas modificações, é possível chegar a três textos diferentes.

Conclusão	1.ª Fonte	2.ª Fonte
<p>Nós prometemos solenemente, que nós nos daremos, nós e tudo o que nós temos, para salvar, por todos os meios, as almas, sob o augustíssimo nome de Maria, e sob sua proteção. Salvo, entretanto, para todos, o juízo dos superiores. Louvada seja a Santa e Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria. Amém.</p>	<p>Nós, abaixo assinados, [...] pelo presente ato e nossa assinatura, nós nos dedicamos de modo irrevogável, nós e tudo o que temos, tanto quanto possível, à Sociedade da B.V. Maria. Este compromisso nós o contraímos não sem reflexão, como crianças, nem por um motivo humano ou esperando qualquer vantagem temporal, mas seriamente, depois de ter refletido muito, ter pedido conselho e pesado todas as coisas, diante de Deus, unicamente para a glória DE Deus e a honra de Maria, Mãe de N.S.J.C [...] unindo-nos com todas as nossas forças ao santíssimo chefe desta mesma Igreja, o Romano Pontífice, e também a nosso Exmo. Sr. Bispo Ordinário para que sejamos bons ministros de Jesus Cristo alimentados pelas palavras da fé e da boa doutrina que recebemos por sua graça.</p>	<p>Nós abaixo assinados, querendo trabalhar para a maior glória de Deus e de Maria, Mãe de N.S.J.C. afirmamos e manifestamos que temos a sincera intenção e a firme vontade de consagrar-nos tão logo isto nos pareça oportuno, à instituição da piíssima congregação dos Maristas [...] aceitamos para tanto qualquer sacrifício, trabalho, sofrimento e se preciso for todos os tormentos tudo podendo naquele que nos fortalece, N.S.J.C. a quem, por este mesmo ato, prometemos fidelidade no seio de nossa Mãe a Santa Igreja católica e romana [...] confiando que, sob o governo pacífico e religioso de nosso rei cristianíssimo esta excelente instituição será fundada.</p>

Pode ser que a conclusão seja apenas a recapitulação do texto que segue e que por conseguinte, não indique uma tendência particular. Acrescenta, no entanto, duas idéias importantes que estão apenas implícitas no corpo do Formulário: salvar as almas e honrar a Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Por outro lado, em seu testamento espiritual, o P. Champagnat vai utilizar, duas vezes, a expressão “*sob a proteção de Maria*”⁹ empregada nesta conclusão. Pergunto-me então se esta não é a mais antiga fórmula de adesão dos aspirantes maristas, ainda vaga e sucinta. Os dois outros textos, notáveis pela coerência, apesar dos recortes sofridos, parecem traduzir duas tendências opostas: a fonte 1 define uma “*Sociedade da B.V.Maria*” e não faz alusão ao cristianíssimo rei. A segunda, emprega o termo “*Marista*”, entrevê um apostolado heróico, menciona claramente o rei mas não fala da obediência ao Bispo.

Podemos pois emitir uma primeira hipótese de tipo cronológico. Como já o afirmei, a conclusão exprimiria uma primeira fase. A fonte 1, seria uma segunda, numa época em que o Cardeal Fesch não é ainda contestado, e na qual a restauração da realeza ainda não foi concluída, ou porque Napoleão ainda está no poder (abdica uma primeira vez, no dia 6 de abril de 1814), ou porque o mais tardar durante os 100 dias, (março-junho de 1815). A fonte 2 pertence evidentemente ao tempo da Restauração. O emprego do termo “*Maristas*”, seu caráter um tanto exaltado, manifestam a influência de Courveille.

Vemos imediatamente o problema que provoca esta hipótese que supõe que o grupo Marista existe desde 1814, enquanto Courveille só constituiu os Maristas em 1815-16. Esta hipótese, no entanto, é apoiada pelo padre J. C. Colin que sempre afirmou que havia um projeto anterior a Courveille e que este apenas revelou a Sociedade. Além do mais, num documento descoberto recentemente¹⁰, o Sr. Pousset aspirante Marista, menciona ter estado em contato com os *Maristas* nos anos 1814, 1815¹¹.

Mas estes recortes podem ser considerados sob um ponto de vista não cronológico: como a simples divisão do grupo marista de 1816 em duas tendências, uns mais moderados e os outros mais exaltados. Constatamos que Champagnat que designa seus Irmãos como “*Irmãos de Maria*”

⁹ É preciso, no entanto, distingui-la do fato de pertencer à Sociedade de Maria.

¹⁰ Arquivos dos Cartuchos, autobiografia do P. Pousset.

¹¹ A palavra “*Marista*” certamente não existe em 1814, 1815, mas Pousset a recorda, segundo parece, a época de novembro de 1814 a maio de 1816 durante a qual esteve em contato com os aspirantes Maristas..

e não como “*Maristas*”, parece aderir antes ao partido dos moderados. Em todo caso, não há dúvida que houve, desde a origem, ao menos duas tendências no interior do grupo dos aspirantes maristas. A rivalidade existente entre Colin e Courveille nos anos 1822-1830, parece ser uma consequência da existência destas tendências.

C - AS INFLUÊNCIAS SOBRE O FORMULÁRIO

Mas deixemos de lado este problema de crítica histórica para voltar à espiritualidade revelada por este documento. Primeiramente, a insistência dada à obediência à Santa Igreja, o Papa, os Superiores, traduz uma preocupação central do clero jovem quando quer restabelecer o espírito religioso exaltando a obediência à hierarquia religiosa e civil. A influência do P. Bochard, vigário geral, aliás, se exerce, firmemente, neste sentido. Dom Dubourg, Bispo de Nova Orleans, que vive diversas semanas no Seminário de Santo Irineu, durante a primavera de 1816, faz diversas conferências aos seminaristas, exaltando ao mesmo tempo a missão e a obediência¹².

Mas indo mais a fundo, o formulário é marcado pela segunda epístola aos Coríntios nos capítulos 2 – 6 nos quais o apóstolo desenvolve uma teologia do ministério apostólico: o tempo favorável chegou; os ministros da Nova Aliança devem trabalhar ao serviço do Reino apesar de todas as tribulações.

Mas, é preciso também unir a consagração de Fourvière à ordenação que se realizou no dia precedente e que a espiritualidade sacerdotal considera como um verdadeiro Pentecostes. Esta assimilação, aliás, se encontra nitidamente, em Maria d’Agreda, mística espanhola, muito contestada mas lida assiduamente pelo P. Colin e provavelmente também por Champagnat¹³ que considera que Pentecostes, obtido pela intercessão de Maria, lança os apóstolos à evangelização do mundo:

“Por este benefício, [...] os doze apóstolos foram formados, renovados e tornados capazes de ser os ministros da nova aliança (2.^a Cor, 3, 6) e os fundamentos da Igreja, no Universo, inteiro porque esta nova graça [...] levava-os [...] a praticar o que há de mais heróico em todas as virtudes e de mais sublime na santidade”.

¹² Arquivos dos Cartuchos, caderneta das notas espirituais do P. Pousset.

¹³ Em 1840, sua biblioteca tem um exemplar da “Cidade Mística” de Maria d’Agreda.

O formulário exprime pois uma alta espiritualidade apostólica e marial e fornece uma das chaves de interpretação da espiritualidade de Champagnat ao mesmo tempo pneumática, apostólica e marial.

D - AS CARTAS DO PADRE CHAMPAGNAT

Os anos 1816–1827, os anos mais decisivos para o P. Champagnat, quase não fornecem documentos provenientes dele mesmo. Só a carta ao Irmão João Maria Granjon, do dia 1.º de dezembro de 1823 permite ver alguma coisa, principalmente quando o P. Champagnat ao mencionar que um noviço que acaba de chegar “*é de nada*”¹⁴, se relança imediatamente, espiritualmente: “*mas é com nada que Deus faz grandes coisas*”. É uma alusão transparente ao Magnificat que demonstra, ao mesmo tempo, mística marial, humildade e confiança em Deus. Termina declarando-se “*pai em Jesus e Maria*”.

Esta última fórmula voltará freqüentemente nas cartas posteriores, mas a que empregou em 1823, tem um significado marcante. Os Irmãos estão ainda em La Valla e já lhe conferiram o título de “*pai*” ao qual Champagnat dá um sentido espiritual acrescentando: “em Jesus e Maria”. Compreende-se tanto melhor porque Courveille que chega a La Valla apenas em junho de 1824, nunca chegará a se impor como Superior porque os laços espirituais tecidos com os Irmãos desde 1817 já estão solidamente estabelecidos; Champagnat e nenhum outro é “*o pai em Jesus e Maria*”.

O ano de 1827 apresenta ao P. Champagnat a ocasião de escrever um verdadeiro manifesto de sua espiritualidade, após as grandes provações de sua enfermidade, da rivalidade de Courveille e finalmente com a partida deste e de Terraillon. Quatro rascunhos de cartas a seus superiores eclesiásticos¹⁵, exprimindo seu espanto, diante “*deste esforço espantoso do inferno*”, sua solidão (“*Eis que sou o único sacerdote*”) mas também sua confiança em Jesus e Maria, sua perseverança apesar de tudo (“*isso me aflige, mas não me desanima*”), sua convicção que “*Deus quer esta obra*” mesmo que seus caminhos sejam ocultos. É um dos raros momentos em que Champagnat evocando o combate entre satanás e a SM., manifesta discretamente um pensamento escatológico, muito mais presente no P.

¹⁴ Isto é, sem profissão, sem competência definida.

¹⁵ A Dom de Pins, (Carta 6), ao P. Gardette (Carta 3), a um Vigário Geral (Carta 4), ao P. Barou (Carta 7).

Colin. Sobretudo o *Nisi Dominus* que pela primeira vez encontramos sob a sua pena, resume uma espiritualidade de abandono na noite da provação que relembra os grandes místicos.

Descobrirá termos semelhantes, mas expressados de forma mais sóbria em 1838, num momento em que a fraqueza de sua saúde lhe faz presentir uma morte próxima. Numa carta ao Irmão Francisco¹⁶ na qual anuncia o insucesso de suas andanças para obter a autorização oficial do seu Instituto: *“Estou muito aborrecido mas não desanimado; tenho sempre uma grande confiança em Jesus e Maria [...]. Deus sabe melhor do que nós o que nos convém e o que é melhor para nós”*.

Outro aspecto de Champagnat se manifesta nas quinze circulares que se escalonam de 1828 a 1840 nas quais sua ternura paternal se intensifica. Nelas, L’Hermitage aparece como o santuário da Sociedade de Maria, verdadeiro lugar místico¹⁷, réplica do Cenáculo, jardim fechado onde Jesus e Maria reuniram seus filhos para que ali vivam e morram sob seus auspícios, na paz, na caridade (*um só coração e uma só alma*) mas também o combate para a glória de Deus. Encontra-se em filigrana, os temas *“desconhecidos e ocultos”*, *“Maria a primeira Superiora”*, e *“Recurso Habitual”*. Desde 1828, esta espiritualidade se encontra bastante amadurecida para poder se expressar numa fórmula lapidar: *“Deus nos amou desde sempre; e nos escolheu e separou do mundo. A Santíssima Virgem nos plantou em seu jardim; Ela cuida para que nada nos falte”*.

Da mesma forma, numa carta a Dom Pompalier, em 1836, descreve os progressos da Sociedade dos Irmãos¹⁸ cujos méritos atribui ao nome de Maria.

“Há muito tempo que não se falaria mais de nossa Sociedade sem este santo nome sem este nome milagroso. Maria, eis o grande recurso de nossa Sociedade[...] Maria, sim, só Maria é nossa prosperidade. Sem Maria não somos nada e com Maria temos tudo, porque Maria sempre tem seu adorável Filho entre os braços ou em seu coração”.

A dupla “Jesus x Maria” tão fortemente evocada aqui, se encontra aliás, no final de suas cartas seja quando Champagnat se afirma *“pai em Jesus e Maria”*, seja numa forma mais audaciosa: *“os Sagrados Corações de Jesus e Maria”*¹⁹, que parece querer traduzir a consciência de uma intimi-

¹⁶ Carta 197, de 23 de junho de 1838.

¹⁷ Pode-se supor que tenha havido uma influência da “Cidade Mística” de Maria de Ágreda.

¹⁸ Curiosamente, o P. Champagnat não faz nenhuma alusão à Sociedade dos Padres, como se os Irmãos fossem da Sociedade de Maria.

¹⁹ Em boa doutrina convém dizer: o Sagrado Coração de Jesus e o Santo Coração de Maria.

dade tal entre eles, que são inseparáveis e que, por conseguinte, os atributos de um se aplicam ao outro.

Em resumo, como muitos fundadores e fundadoras, do século XIX, Champagnat é um espiritual de alto vôle, mas mais afetivo do que especulativo, mesmo que nunca tenha tido tempo para expor sua doutrina por escrito. Exprime-se porém o suficiente para que possamos julgar que experimentou, no abandono a Deus, no meio das provações, em uma viva consciência da intimidade entre Jesus e Maria, uma verdadeira mística servida por uma teologia espiritual pouco explicitada por escrito.

E - O TESTAMENTO ESPIRITUAL

Evidentemente, o Testamento Espiritual de Marcelino Champagnat, lido algumas semanas antes de sua morte é um documento de grande riqueza e com muitos pontos de difícil explicação. Antes porém de tratar este assunto, é preciso evocar a circular de 19 de janeiro de 1836 que me parece exercer o rol de um primeiro testamento que oferece aos Irmãos um verdadeiro programa de santidade fundado na humildade, na obediência, na caridade, no zelo. Champagnat se inspira em São Paulo, segunda aos Coríntios, 4, 17 – 18 e em 2.^a Tm. 4, 6-8: *“Coragem, pois, meus queridos Irmãos, pois as penas e as lutas da vida duram apenas um momento. Fixemos, muitas vezes, nossos olhares no peso imenso de glória com que serão recompensados, para sempre, lembrando-nos sempre que o Justo Juiz coroará apenas quem tiver vencido e perseverado até o fim”*.

O testamento propriamente dito, pode ser lido segundo diversos critérios. É, em primeiro lugar, um ato de cessão de seu patrimônio – os Irmãos Maristas – ao Superior da S.M., o P. Colin. Quanto ao plano espiritual, parece-nos que se divide em duas partes. É primeiramente uma exortação à caridade, antes de tudo entre seus Irmãos, depois, entre os Irmãos e as outras congregações, enfim, entre o Irmãos e os Padres da S.M. e de modo particular, o Superior, P. Colin.

Neste escrito, encontramos, em filigrana, o hino de São Paulo, à caridade (1.^a Cor. 13, 1-13): *“A caridade é longânime, a caridade é serviçal...”* e também a evocação da igreja primitiva: *“um só coração e uma só alma”*.

Depois de ter falado como Fundador, exprime-se antes como mestre espiritual, recomendando a seus Irmãos o exercício da presença de Deus, a obediência e a simplicidade, a devoção a Maria *“boa mãe”* e *“primeira superiora”*... Ficamos surpreendidos ao notar que expressões fortes de Marcelino Champagnat como: *“Maria, recurso habitual”*, *“Nisi Dominus”*,

Tudo a Jesus por Maria”, “*humildade, simplicidade, modéstia*”, não aparecem explicitamente, nem tampouco o zelo. Em síntese, o programa que propõe à santificação de seus Irmãos, parece um tanto original, como se o P. Champagnat estivesse voltando às fontes primitivas de sua própria espiritualidade. Mas é também possível que a espiritualidade dos Irmãos, embora originada em Champagnat, esteja sendo formulada de forma um tanto autônoma. Voltaremos mais tarde a este problema.

Mas, neste testamento, há outros aspectos importantes: por exemplo, as numerosas referências a Jesus, a Maria, a Jesus e a Maria, que fazem deste texto uma espécie de hino cristológico e marial.

A referência a São Paulo, provavelmente implícita na primeira parte, torna-se explícita nas últimas linhas:

“Que a graça de N. S. J. C., o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam sempre convosco”.

É exatamente a saudação que o apóstolo dirige, no fim de suas epístola aos Coríntios. Convém citar aqui os versículos que precedem e resumem o conjunto do Testamento Espiritual:

“Enquanto isso, meus irmãos, vivam alegres; trabalhem para a sua perfeição; animem-se mutuamente; mantenham-se unidos nos sentimentos, vivam em paz, e o Deus do amor e da paz estará com vocês”.

Enfim, o Testamento faz referência ao Formulário de 1816 ao utilizar duas vezes, fórmulas parecidas com as do preâmbulo: *“Tudo para a maior glória de Deus e para a honra de Maria, Mãe de N.S.J.C.”.* Como o formulário e duas vezes ainda, o Testamento está impregnado das epístolas de São Paulo. Parece-me que nestas semelhanças, há mais do que uma simples coincidência.

F - INFLUÊNCIA DAS AAS (ASSEMBLÉIAS DE AMIGOS?)

Um bom número de fórmulas Maristas tais como: *“para a maior glória de Deus e honra de Maria”*, *“os Sagrados Corações de Jesus e de Maria”* ou ainda *“um só coração e uma só alma”*, são relativamente excepcionais na literatura religiosa. Mas, as encontramos, com freqüência, numa corrente espiritual nascida no século XVII, nos seminários da França, e formada de pequenos grupos chamados “AAs”, abreviação provável de *“Assembléia de amigos”*.

É assim definida:²⁰ *“A AA é uma santa e secreta congregação forma-*

²⁰ Tratado da estima das AAs, arquivo dos Jesuítas, Vanves CA 101/2 pág. 354/362.

da por pessoas escolhidas e unidas pelos laços de uma caridade admirável e consagradas especialmente ao serviço de Jesus e de Maria sob a proteção de São José e dos Anjos da Guarda, nada esquecendo para se animarem à piedade e para levar a ela, os outros”.

Muitas vezes, estas AAs estão unidas a uma congregação marial de jovens, nas quais encontram seus candidatos. Os membros desta associação se reconhecem pelo uso do lema: “*Cor unum et anima una*” (C.U. & A.U.). O grupo deles nunca é maior do que 12. Fazem reuniões reservadas, nas quais se exortam ao fervor e organizam obras de zelo. Este tipo de organização de origem jesuíta, foi rapidamente copiada pelos seminários sulpicianos, muitas vezes, com o nome de “*pequenas sociedades*”, cujos estatutos reproduzem mais ou menos fielmente os das AAs. Têm como objetivo manter o fervor e o espírito de zelo nos seminários, sobretudo combatendo “os grupinhos dos acomodados”²¹ que geram indisciplina. Na sua primeira fase de organização, a S.M. foi uma destas “pequenas sociedades”²².

É tanto mais provável que a descoberta recente de documentos²³ mostra que Jean Cholleton, o Diretor do grupo Marista primitivo fez parte de uma AA, no Seminário Santo Irineu, antes de 1809 e de outra, em São Sulpício, em 1809–1811. Além disso, entre 1813 e 1816, em Santo Irineu existiu outra “*pequena sociedade*” que os Maristas, chamavam “*amigos do cordão*” cuja divisa é “*Trabalha como bom soldado de Jesus Cristo*”, sem contar os adeptos do “Pensamento piedoso” do P. Bochard. Como Santo Irineu e São Sulpício, muitos seminários dispõem destas sociedades que muitas vezes fornecem vocações ou congregações de missionários.

É possível que Courveille tenha feito parte, no Puy, de uma AA ou de uma pequena sociedade. Conseguimos descobrir uma, mais tarde, em 1851²⁴ que poderia ser a herdeira da que Courveille freqüentou. Em todo caso, quando Courveille chega a Lyon, usa uma estratégia de agrupamento típico das AAs. Além disso, as resoluções de Champagnat 1810-1812 parecem marcadas pela pertença não a uma AA, mas a uma congregação marial²⁵.

É inútil querer ir mais longe nestes detalhes, mas convém compreender que a espiritualidade marista, e portanto, a de Champagnat, está

²¹ Champagnat pertenceu a um desses grupos, no Seminário de Verrières

²² J. C. Colin, aliás, emprega a expressão “pequena sociedade” para designar a S.M. nascente.

²³ Arquivos dos Cartuchoa. Paéis Mioland.

²⁴ Vida do Padre Barry, trapista em Aiguebelle..

²⁵ Invocação a Maria e a São Luiz de Gonzaga, preocupação de dar bom exemplo.

inscrita numa corrente espiritual precisa para a qual as expressões: “*Glória de Deus e honra de Maria*”, “*um só coração e uma só alma*” são correntes seja nos estatutos seja na correspondência. Esta corrente de origem jesuíta, mas assumida pelos Sulpicianos, é de espírito marial e apostólico.

Entretanto os Maristas interrompem esta tradição porque nas AAs e nas Congregações Marianas a consagração consiste em escolher Maria como: Mãe, Rainha, Padroeira e Advogada... enquanto entre os Maristas, e é o aporte da *revelação* do Puy, - é Maria quem escolhe a sociedade e cada um de seus membros. Mas é verdade que entre os Irmãos Maristas, esta convicção parece menos profunda que entre os demais ramos Maristas.

Terminemos esta primeira parte, recordando que a evolução de Champagnat parece ter conhecido algumas etapas que podem ser encontradas: em 1810-1812, uma conversão se realiza, segundo parece, no ambiente de uma congregação Mariana; 1815-1816: estes anos revelam uma maturidade espiritual que desemboca numa plano apostólico pessoal; Fundar Irmãos. Mais ou menos no mesmo tempo se dá o encontro com o grupo Marista e o compromisso de um projeto da S.M. parcialmente contraditório com o primitivo. Em 1827, é a passagem da noite do fracasso e em 1836, a tomada de consciência de um fim próximo. Em 1840, Champagnat tem consciência de ter conseguido terminar e unificar a dupla tarefa pois seus Irmãos fazem parte da SM que ele tanto ajudou a estabelecer

Desde 1815-1816, sua espiritualidade nos aparece como profundamente marial e apostólica. É provável que as epístolas de São Paulo, Maria de Agreda, a tradição das AAs tiveram nele uma influência duradoura. A provação de 1825-27, parece tê-lo introduzido numa mística de abandono a Deus, expressa pelo “*Nisi Dominus*”. Parece-me entretanto, que o centro da espiritualidade se situa mais na contemplação da união íntima entre Jesus e Maria, como se sua teologia espiritual fosse fundamentada mais sobre a Cristologia e a Encarnação do que sobre um teocentrismo bem definido.

3 - DO FUNDADOR À DOCTRINA OFICIAL

Na parte precedente, apenas utilizei as fontes que vinham diretamente de Champagnat. Mas, a memória do Fundador está também conservada nos manuscritos e cadernetas dos Irmãos João Batista, e Francisco que recolheram, por si mesmos ou por outros Irmãos, seu ensinamento oral dado em suas numerosas instruções. São certamente fontes de valor mais

aleatório porque estas notas são tomadas ao vivo, às vezes, modificadas depois e completadas.

Se não é possível garantir que contém a teologia espiritual do Fundador, permitem no entanto, aproximar-nos bastante dela, e ajudam a esclarecer a história espiritual da Congregação entre 1817 e 1850.

Do Fundador ou de seus sucessores nos restam centenas de instruções que hoje podem ser exploradas²⁶. Não pretendo ser exaustivo, mas apenas focalizar alguns pontos importantes da espiritualidade.

A - A HUMILDADE: DA IMITAÇÃO DE MARIA À VIRTUDE ASCÉTICA.

Assim, a respeito da humildade, um estudo dos manuscritos me permite concluir que se passou progressivamente da noção única de humildade ao par humildade – simplicidade, para chegar ao trinômio humildade – simplicidade – modéstia: processo normal, porque, à medida em que se tornava mais exata, a teologia espiritual Marista tinha necessidade de distinguir noções próximas umas das outras. Entretanto, na elaboração desta doutrina mais exata, laços vitais podem ter sido interrompidos, fazendo escorregar a humildade da categoria de atitude espiritual à de virtude ascética. De qualquer forma, nos parece:

1.º Que a humildade Marista primitiva não se concebe fora de um relacionamento com Maria e portanto, com a Encarnação e a Santíssima Trindade. Mas este aspecto mais especulativo aparece apenas em alguns textos que serão esquecidos.

2.º Que a humildade Marista é percebida como um abandono filial a Maria, Mãe não apenas das pessoas mas também do corpo que traz seu nome. É nesta relação privilegiada entre a Mãe e o Filho – que exemplifica o “tudo a Jesus por Maria” – que se pode situar a base de uma verdadeira mística marista mais vivida do que mentalizada.

3.º Que a espiritualidade marista se situa também numa tradição monástica e ascética, que, muito forte de início, parece enfraquecer depois, para triunfar com a estruturação da congregação, no meio do século XIX

4.º Que a humildade marista tende a tomar uma coloração social e profissional (viver numa condição modesta de educador submetido às autoridades) à medida que a Congregação se desenvolve e se especializa no ensino.

²⁶ Ver A. LANFREY: “Um anel que falta” da espiritualidade Marista. Os manuscritos de instruções dos Irmãos Francisco e João Batista, Roma, junho 2000, 47 pág.

Fica pois claro que a doutrina espiritual contida na literatura oficial da Congregação estabelecida entre 1952 e 1956, (*Regras comuns, Guia das Escolas, Vida...*) reflete apenas indiretamente a espiritualidade original do Instituto. Para bem conhecer a espiritualidade original do Instituto já não podemos contentar-nos apenas com a literatura impressa.

B - A VIRTUDE DA RELIGIÃO: TRIBUTAR A DEUS O QUE LHE É DEVIDO.

Quando percorremos os manuais de instruções deixados pelos Irmãos João Batista e Francisco, encontramos muitos textos sobre Jesus e Maria o que nos situa diretamente na linhagem do P. Champagnat, uma profusão de instruções ascéticas, mas muito poucas coisas sobre Deus ou a Trindade, como se a relação com Deus, o teocentrismo, fosse uma coisa impensada na teologia espiritual Marista.

Mas, na realidade, o teocentrismo marista se manifesta essencialmente pela virtude da Religião das qual Santo Tomás faz uma virtude anexa à justiça:

“A justiça em geral consiste em dar a cada um o que lhe é devido; suas “partes” comportam a religião que concerne a homenagem e o culto devidos a Deus [...], a piedade que concerne o dever para com os pais, as “observâncias” que englobam os deveres para com os superiores em dignidade ou responsabilidade²⁷”.

Assim, a Teologia Espiritual Marista desenvolve numerosos textos sobre o pecado e o horror que dele devemos ter, o fim do homem, a vocação, o céu, o inferno... que têm o objetivo de recordar a necessidade de tributar a Deus o culto que lhe é devido e a perversidade das pessoas que se afastam de seus deveres de justiça neste ponto. Se, nestes textos nos contentamos em ver uma concepção moralizante, um tanto mórbida, e uma religião do medo, corremos o risco de falsificar-lhes o sentido.

Do mesmo modo, quando o P. Champagnat ou os Superiores recomendam aos Irmãos o respeito às autoridades civis e eclesíásticas, e pede de inculcá-lo nas crianças; quando também recomendam vigiar continuamente as crianças para preservar-lhes a inocência, não é por obsessão ao pecado, e conservadorismo social, mas porque estão impregnados do senso da justiça que deve ser tributada a Deus e a suas criaturas.

Isto dito, a virtude de religião que estabelece entre Deus e o homem

²⁷ Dicionário de Espiritualidade, T. 13, artigo “Religião ” col. 309

um liame quase jurídico de justiça, se situa essencialmente no registro do dever para com um Deus soberano e seus representantes terrestres. Implica pois uma caminhada ascética, feita de temor ao pecado e de cuidado em cumprir os mandamentos. Assim sendo, uma leitura rápida da espiritualidade marista levaria a fazer pensar que o Marista é convidado a amar a Deus e a amar Jesus e Maria. Aliás, este esquema é conforme à religiosidade católica do século XIX da qual os Irmãos não podem se eximir totalmente.

C – PRESENÇA DISCRETA DO TEMA DO AMOR A DEUS.

Mas é preciso introduzir logo uma nuance, neste quadro, porque algumas instruções estão francamente centradas no amor de Deus, como a que segue, tratando do “espírito filial para com Deus”²⁸: “Uma feliz disposição da alma que nos faz ver Deus como o melhor dos pais e nos leva a descansar tranqüilamente em seu regaço, a respeito de tudo o que se refere a nós, sabendo que cuida de nós e a não nos preocuparmos senão em procurar os meios de lhe agradar, de cumprir sua santa vontade [...] . O espírito filial é ainda uma entrega de si mesmo entre as mãos de Deus [...] que nos faz ir a Ele com a mesma liberdade, e o mesmo abandono de um filho querido”...

Acrescentemos que o Irmão Francisco traz esta conversa do P. Champagnat em 1823²⁹:

“Vocês pensam que Deus é um tirano e vocês pensam que instituiu a confissão para tiranizar as pessoas? [...] Vivemos contentes e alegres quando estamos a serviço de um patrão bondoso. E que patrão melhor do que Deus?”

Pergunto-me então, se o Irmãos Francisco - e nisso ele se distingue do Irmão João Batista, - não foi, no Instituto, o grande apóstolo do amor de Deus, porque seus cadernos de notas estão cheios de orações e de “*aspirações*”³⁰ a Deus num tom francamente místico, como esta: “Meu Deus, meu Tudo, meu Bem soberano e meu fim último, eu nada mais quero senão a vós. Deus completamente puro no entendimento, sem nenhum raio de luz. Deus completamente puro em minha vontade, sem nenhum

²⁸ Fascículo 307 do Irmão Francisco, pág. 993. Provavelmente não é do P. Champagnat.

²⁹ Fascículo 307 do Ir. Francisco, pág. 993. Provavelmente não é da autoria de Champagnat.

³⁰ Orações jaculatórias de cunho nitidamente místico.

fogo de fervor. Deus totalmente puro em meu coração sem nenhuma doçura de consolação”³¹.

A Espiritualidade Marista, globalmente tomada, apesar de tudo isso, trata a relação com Deus de modo problemático. A insistência sobre as grandes verdades, muito forte no Irmão João Batista, alimenta um temor muito superficial: menos o tremor da criatura diante da grandeza divina que o sentimento do servo em relação a seu senhor. Se a imagem de Deus Pai está presente, parece menos encantadora que a de um Deus, patrão exigente. Pode ser que seja possível resumir a espiritualidade marista relacionada a Deus, como uma espiritualidade purgativa enquanto que a espiritualidade dirigida a Jesus e Maria é mais unitiva. Em síntese, a Trindade está mal ligada à Encarnação.

D – A PRESENÇA DE DEUS: ATITUDE MÍSTICA OU EXERCÍCIO DE PIEDADE

Vamos refinar mais um pouco o que acabamos de dizer, constatando que o tema da presença de Deus é central na teologia espiritual marista. Um capítulo da Vida Ihe é consagrado e no seu Testamento Espiritual o P. Champagnat considera-a como “*a alma da oração e da meditação*” e portanto, como uma atitude geral para com Deus antes do que um exercício de piedade.

O melhor texto marista sobre a presença de Deus não está na Vida,³² mas num fascículo do Irmão Francisco³³, intitulado: “*Exercício da presença de Deus*”. É mais que isso: uma reflexão sobre as divinas perfeições cujo conhecimento suscita em nós o temor, mas nos revela também a santidade e bondade de Deus que nos levam ao amor. É porque Deus nos vê até o mais íntimo de nós mesmos, que nós procuramos purificar-nos, e depois, entrando no amor divino, caminhamos com coragem e rapidamente para a perfeição,

Deste texto que convida à via unitiva, o Irmão João Batista extraiu uma doutrina bastante banal que tinha a vantagem de ser mais facilmente compreendida. Mas esta maneira muito devocional de tratar o tema, apresenta o inconveniente de tornar vulgar uma noção de sabor místico. Assim, quando no Instituto se passa a usar a fórmula “*Deus me vê*”, será entendi-

³¹ Fascículo 303, pág. 588. Texto de 1844, inspirado no P. Guilloché.

³² Mesmo se o inspira fortemente.

³³ Caderneta 308, pág. 916/922.

da como “Deus está me vigiando” quando seu significado profundo é: “Deus me acompanha com seu olhar amoroso, pedindo-me em resposta, uma atitude filial”. Assim, a mesma expressão, interpretada em termos ascéticos ou em termos místicos, muda completamente de sentido. E a literatura do Instituto parece ter adotado a primeira interpretação em muitos temas.

E – ESPIRITUALIDADE OU ÉTICA EDUCATIVA?

Em 1853, o capítulo geral termina a redação do *Guia das Escolas*, documento educativo do Instituto. Mas este foi precedido por numerosas instruções que ficaram manuscritas, e em particular o volumoso “*Tratado sobre a Educação*”³⁴ do qual, uma parte provém, segundo parece, do P. Champagnat e a outra, do Irmão João Batista.³⁵ De todos estes textos emergem duas sínteses da educação marista: a primeira considerando o Irmão como o anjo da guarda do aluno;³⁶ a segunda tratando de “*Jesus Ressuscitado, modelo do religioso educador*”.³⁷

A respeito do primeiro tema se dá um escorregão de perspectiva: os anjos, vistos, primeiro, como a corte celeste em três hierarquias diante do trono de Deus, tornam-se o que não é nem muito nem pouco, os anjos da guarda dos alunos, seus custódios, devotados, mas vigilantes. O texto normativo do Guia reduz o alcance da doutrina dos anjos que os considerava emanações dos atributos de Deus, os perfeitos adoradores e os ministros da solicitude divina em relação ao cosmos e aos homens. Desligado desta tradição, o texto do *Guia*, o texto pode ser lido a partir de três chaves de leitura: uma leitura retórica que faz do *anjo da guarda* a metáfora do perfeito educador; uma chave ascética que traça um retrato moral do educador cristão; enfim, uma chave teológica que mostra os anjos como imagens da benevolência divina para com os homens. Esta é a menos visível das três, apesar de instruções anteriores que sublinham esta interpretação.

Encontramo-nos pois uma vez mais diante do fato da banalização da doutrina marista, aliás muito difícil de evitar, quando se quer transformar instruções em textos normativos. Dali uma certa superficialidade da doutri-

³⁴ Intitulado pelo Irmão Paul Sester “Apostolado de um Irmão Marista” (A D.F.M.)

³⁵ Ver: A. LANFRAY, *Elaboração do pensamento educativo marista. “Apostolado de um Irmão Marista” Suas fontes e sua influência. 1824–1868.* Roma 2000, 70 págs.

³⁶ *Guia das Escolas* 2.^a parte, cap. VII. Este capítulo se inspira em instruções sobre os anjos, contidas nos manuscritos 307, pág. 101, e 308, pág. 940.

³⁷ Fascículo de instruções 308 pág. 1297

na educativa marista que considera o Irmão como um ser obediente (que não se revoltou como os maus anjos) encarregado de forçar os educandos a se adaptar ao molde pré-estabelecido. Por certo, os Irmãos devem agir com solicitude e respeito, mas, no fundo, a liberdade do aluno não é levada em consideração. E a imagem do anjo da guarda parece tão retórica e moralizante que o Instituto parece formular, no *Guia das Escolas* uma ética do educador marista, mais do que uma espiritualidade.

Até certo ponto é permitido a gente se perguntar se a prática educativa marista não é mais espiritual do que sua codificação, porque as cartas do P. Champagnat e muitos outros textos revelam um verdadeiro amor pelos alunos. E voltamos a encontrar uma disjunção entre a doutrina e a vida que, para consolação de uns e tristeza de outros, é de todos os tempos.

O tema de Jesus ressuscitado é rico de espiritualidade: separado de seus apóstolos e por isso, levando uma vida escondida, mas instruindo-os, corrigindo-os, encorajando-os, cuidando não apenas de suas almas mas também de seus corpos, é o perfeito modelo dos catequistas. Esta instrução, composta pelos anos 1850, é, com certeza, do Irmão Francisco, numa época em que a palavra “educador” se impôs para designar os professores das escolas. Apresenta uma vontade de abertura, considerando a instrução profana como parte integrante da missão dos Irmãos, como também a educação física. Mas consegue-o apenas parcialmente, porque a formação do espírito e o cuidado do corpo ficam subordinados à educação da alma. Além disso, há uma ambigüidade no tratamento do termo “educador” que parece pouco distinta da função do catequista.

Tomando como modelos seres intermediários entre o céu e a terra, (os anjos e Jesus Ressuscitado) a pedagogia marista aparece, pelo menos em teoria, e em contradição com a mesma espiritualidade marista, como uma pedagogia da alma mais do que da encarnação e por isso, mal arquitetada para se julgar coerente com um mundo profano que cada vez mais coloca suas prioridades nas coisas do espírito e do corpo.

CONCLUSÃO: ASCETIZAÇÃO DA DOUTRINA?

Ao confrontar os manuscritos com a literatura impressa, temos a impressão de que pelo ano de 1830, se opera uma “*ascetização*” da doutrina: a presença de Deus que foi de início, uma atitude espiritual geral, se torna simples exercício de devoção; a humildade se afasta do modelo marial para se tornar virtude autônoma; a espiritualidade educativa tem dificuldade em encontrar uma expressão que ultrapasse a retórica e a ética.

Por um lado é preciso convir que esta evolução era necessária no esforço de codificação da doutrina. Por outro, é preciso se lembrar que esta redução normativa era compensada pela permanência de uma tradição espiritual oral poderosa, realimentada continuamente pelas conferências dos superiores que retomavam o ensino de Champagnat. O problema é que os fascículos de instruções que recolhiam melhor a espiritualidade primitiva e nos quais se alimentavam os superiores, foram esquecidos. Poderiam, no entanto, ainda ter iluminado a literatura impressa, mostrando de onde procedia e que, tudo somado, a última nada mais era do que uma simplificação e uma compilação mais ou menos feliz de uma primeira teologia marista que vinha do Fundador.

4 - AS PRIMEIRA SÍNTESES DA ESPIRITUALIDADE MARISTA

Na primeira parte, trabalhamos sobre os escritos do P. Champagnat. Na segunda mostramos toda a importância das fontes manuscritas até então inexploradas, dando um primeiro apanhado de uma espiritualidade marista que parecia abarcar o período que vai dos primeiros anos do Instituto até perto de 1850 e servindo como base de dados à literatura impressa dos anos 1952-1956.

Partimos agora para uma operação inversa. Mostraremos que esta literatura como um terreno geológico, empilha os estratos da teologia espiritual anterior procurando com maior ou menor habilidade redigir sínteses espirituais sistemáticas. Em síntese, esta literatura enfrenta uma terrível contradição: ser um trabalho de memória e de sistematização da espiritualidade.

A – A VIDA DO P. CHAMPAGNAT: NA LINHA DA TRADIÇÃO MONÁSTICA?

No prefácio desta obra, o Irmão João Batista situa o P. Champagnat na linhagem dos grandes fundadores de ordens monásticas: os Padres dos desertos, São Bento, São Francisco de Assis, que deixaram uma regra de vida para os seus discípulos³⁸. Procedendo desta forma, o Irmão João Batis-

³⁸ Chama a atenção o fato de ele não mencionar os fundadores das ordens apostólicas como Inácio de Loyola e Vicente de Paulo.

ta liga a regra de 1852 e o P. Champagnat a uma tradição prestigiosa, mas ao assimilar os Irmãos maristas a uma ordem monástica, empana um pouco o ideal apostólico das origens assimilando-o a um modelo patriarcal. Desse jeito, revela um imaginário político-religioso tradicional num século que justamente, vê desfazer-se, em todos os níveis, o modelo patriarcal. Até certo ponto, parece endurecer o projeto marista inicial para melhor fundamentar a regra de 1852 e talvez, também para melhor precaver o Instituto contra o espírito do mundo.

Quanto ao trabalho de “memória”, este prefácio é muito útil para nós porque em sua página IX, parece evocar duas frases sucessivas da teologia marial primitiva:

<p style="text-align: center;">Vida pág. VIII, base da página</p> <p>“Esta vida (do Fundador) [...] é para nós uma regra em ação que nos ensina, em cada página, o que devemos fazer para sermos religiosos piedosos, fervorosos, zelosos pela glória de Deus, cheios de amor por Jesus Cristo, religiosos verdadeiramente devotos de Maria, e verdadeiros imitadores da humildade, da simplicidade, da modéstia e da vida oculta dessa augusta Virgem. Cada um de nós, estudando e meditando o quadro de virtudes que esta vida nos oferece, deve dizer-se: Eis o modelo que devo copiar, que devo procurar reproduzir; eu não serei perfeito religioso, verdadeiro Irmãozinho de Maria, senão quando eu me parecer com este protótipo da perfeição de meu estado”.</p>	<p style="text-align: center;">Vida pág. IX, fundo da página</p> <p>“Elevemos continuamente nossos olhos sobre aquele que Deus nos deu por pai e por modelo, examinemos o seu espírito de fé, sua imensa confiança em Deus, seu zelo ardente para a salvação das almas, seu amor terno e generoso por Jesus, sua piedade filial a Maria, sua profunda humildade, sua mortificação, seu desapego das criaturas, sua constância no serviço de Deus”.</p>
---	---

Embora o primeiro texto seja mais comprido que o segundo, apresenta um programa espiritual mais estreito em apenas cinco pontos, enquanto o segundo apresenta nove.

1.^a interpretação da Espiritualidade marista	2.^a interpretação
<p>1 - Ser religiosos piedosos e fervorosos 2 - Zelosos para a glória de Deus 3 - Cheios de amor por Jesus Cristo 4 - religiosos deveras devotos de Maria 5 - e verdadeiros imitadores da humildade, da simplicidade, da modéstia e da vida oculta desta augusta Virgem.</p>	<p>1 - Examinemos seu espírito de fé 2 - Sua imensa confiança em Deus 3 - Seu zelo ardente pela salvação das almas. 4 - Seu amor terno e generoso por Jesus Cristo. 5 - Sua piedade filial a Maria. 6 - Sua profunda humildade. 7 - Sua mortificação. 8 - Seu desapego das criaturas 9 - A constância no serviço de Deus.</p>

Do meu ponto de vista, o primeiro programa parece formular uma doutrina dos anos 1820, na época de La Valla. Aliás recende o perfume do famoso diálogo relatado pela Vida, entre o P. Champagnat e o Irmão Lourenço subindo ao Bessat. O segundo deixa entrever uma elaboração maior: piedade e fervor são trocadas por espírito de fé e confiança em Deus. A humildade é destacada da devoção marial. Os três últimos pontos comunicam um toque ascético que o primeiro programa não contém. Este programa parece ser dos anos 1830-1840, preocupado em lutar contra a inconstância dos Irmãos ou suas tentativas de relativo aburguezamento. Aliás, é este programa que serve de base à segunda parte da Vida:

Virtudes do Irmão Marista (1.º programa)	Prefácio: Virtudes do P. Champagnat (cap. IX)³⁹	Capítulos da 2.ª parte da Vida (1856)
<p>1 -religiosos piedosos e fervorosos</p> <p>2 - Zelosos pela glória de Deus.</p> <p>3 - Cheios de amor por Jesus Cristo</p> <p>4 - Verdadeiramente devotos de Maria</p> <p>5 - Verdadeiros imitadores de sua humildade</p>	<p>1 - Espírito de fé</p> <p>2 - confiança em Deus</p> <p>3 - Zelo ardente para a salvação das almas</p> <p>4 - Amor terno e generoso a Jesus Cristo.</p> <p>5 - Piedade filial a Maria.</p> <p>6 - Humildade</p> <p>7/ Mortification</p> <p>8- Desapego das criaturas</p> <p>9 - Constância no serviço de Deus</p>	<p>1 - Retrato e caráter, alegria</p> <p>2 - Do espírito de fé</p> <p>3 - Sua confiança em Deus</p> <p>4 - Seu amor pela oração</p> <p>5 - Seu recolhimento e seu esforço para se conservar na presença de Deus</p> <p>20 - O zelo pela glória de Deus e salvação das almas</p> <p>21 - Sua caridade para com os pobres</p> <p>22 - O que fez para a instrução primária</p> <p>23 -Conselhos do P. Champagnat sobre a educação.</p> <p>6 - Seu amor a Jesus Cristo</p> <p>7- Sua devoção a Maria</p> <p>12- Sua humildade</p> <p>11- seu amor à mortificação</p> <p>10- Seu desapego de seus parentes e de todas as criaturas</p> <p>24- Sua constância</p>

Constatamos que a Vida retoma, essencialmente, em seus doze primeiros capítulos os temas fundamentais dos dois programas do prefácio. Apenas são deixados para o final os temas do zelo e da constância. O quadro abaixo nos apresenta os capítulos que não se encontram nos dois programas do prefácio e que parecem ter brotado da iniciativa do Irmão João Batista e portanto, constituem uma contribuição importante à teolo-

³⁹ Este programa de santidade pode ter sido acrescentado ao longo da elaboração da Vida.

- 8 - Sua obediência ao clero e seu respeito por ele.
- 9 - O amor pela pobreza
- 13 - Amor à pureza
- 14 - Amor ao trabalho
- 15 - Amor e apego aos Irmãos
- 16 - Com que cuidado corrigia os Irmãos de seus defeitos e os formava à virtude
- 17 - Com que cuidado formava os Irmãos Diretores
- 18 - O que fazia para conservar seus Irmãos na vocação
- 19 - Precauções para conservar os Irmãos no espírito do seu estado.
Sua firmeza em manter a Regra.

gia espiritual Marista do tempo do Fundador. Estes capítulos procuram completar o leque das virtudes e põem em destaque a função “abacial” do P. Champagnat.

O que chama a atenção na ordem dos capítulos da Vida é que o zelo, que de início, fazia parte das primeiras virtudes, é agora colocado em últimos lugar. Segundo meu ponto de vista esta escolha é coerente com o objetivo visado: numa ordem monástica, o zelo é de importância secundária. Assim o Instituto é pensado – em teoria pelo menos – como uma ordem religiosa e apostólica antes do que como uma congregação apostólica.

B - AS SÉRIES DE SENTENÇAS DO FUNDADOR (1832–1840)

Nos primeiros anos do Instituto, sem dúvida, se escrevia muito pouco, porque alguns eram incapazes de escrever e porque faltava tempo. É preciso esperar os últimos anos da vida do Fundador para que se possa dispor de um equipamento de litografia. O essencial da espiritualidade se exprimia pois oralmente e precisava de meios menos técnicos tais como as máximas ou sentenças do Fundador que, curtas e agrupadas em séries, constituem as primeiras sínteses da doutrina espiritual. Parece que listas sucessivas e mais ou menos semelhantes foram criadas, como acontece muitas vezes, quando a imprensa ainda não fixou os textos.

Vamos procurar colocar em ordem todo este acervo. O Irmão João Batista, na Vida, pág. 107/110 (capítulo X) situa nos anos 1822-1823 uma

primeira série de 15 sentenças que aliás se encontram com algumas variantes nas sentenças n.º 43 a 51 de uma lista de 52 sentenças impressa no Manual de Piedade, publicado em 1855. os *Princípios de Perfeição Cristã* que em 1866 sucedem ao *Manual de Piedade*, trazem uma lista de 80 sentenças que parece, com efeito, agrupar três listas distintas I-42; 43-51; 51-79.

A primeira série a mais antiga, traz os temas seguintes:

Vida Champagnat 10, pág. 107/109	Manual de Piedade
1 - O irmão que não sabe rezar é incapaz de fazer bem às crianças ⁴⁰	Provavelmente, n.º 43
2 - Sem piedade é impossível viver como religioso	
3 - Um religioso sem piedade não pode amar sua vocação	n.º 44
4 - A virtude é fácil quando amamos Jesus	n.º 45
5 - Seria vergonhoso se o amor de Jesus tivesse menos poder sobre os religiosos que o amor ao dinheiro tem sobre as pessoas que vivem no mundo.	n.º 42
6-7 - Quem ama Maria, ama Jesus. Maria nos recebe apenas para nos entregar a Jesus	n.º 46
8 - Jesus só dá a devoção a Maria aàs almas privilegiadas	n.º 47
9 - As virtudes são como as rosas entre os espinhos...	
10 - Um religioso se encontra mais feliz na piedade do que um mundano na fortuna.	n.º 48
11 - Os mundanos são barulhentos, porque têm o coração infeliz	n.º 49
12- Os Irmãos são apóstolos por vocação.	n.º 50
13- Um Irmão nada deveria desejar tanto quanto ser um bom catequista.	n.º 51
14-15 –Rezar muito pelas crianças e dar-lhes bom exemplo é fazer um excelente catecismo.	

⁴⁰ A formulação não é literária. Procura apenas dar o sentido.

É possível, portanto, afirmar que, lá por 1822-23, a doutrina espiritual marista das sentenças se relacionava com os pontos abaixo relacionados que, considerado o conteúdo e o número estão muito próximos da lista do primeiro programa de santidade do prefácio da Vida:

- Oração: sentenças 1-3
- Amor a Jesus Cristo: 4-5
- Amor de Jesus e de Maria: 6-8
- Felicidade da vida religiosa: 9-11
- Zelo: 12-15

Quanto às duas outras séries indicadas, estão próximas uma da outra, mas também do segundo plano de santidade indicado no prefácio da Vida.

Sentenças 1-41 do Manual de Piedade	Sentenças 51-79 dos Princípios de Perfeição
1 - Alegria 1-3	1 - Confiança em Deus 51-53+71
2 - Espírito de fé e confiança em Deus: 4-8	2 - Oração: 54-57
3 - Oração e presença de Deus: 9-13	3 - Presença de Deus: 58-59
4 - Obediência: 14	4 - Amor a Jesus Cristo: 60-62
5 - Mortificação: 15-18	5 - Devoção a Maria: 63
6 - Orgulho, humildade: 19-20	6 - Obediência: 64
7 - Zelo, educação, catecismo: 21-28	7 - Mortificação: 65
8 - Desapego da família: 29-32	8 - Alegria: 66-70
9 - Vocação 33-41	9 - Zelo: 72-79

Nos *Anais do Instituto*, redigidos tardiamente, mas fundamentados largamente na tradição oral do Instituto, o Irmão Avit menciona, no ano 1832, o título das principais instruções que o Fundador tinha dado “desde muitos anos”. Curiosamente, encontram-se ali muitos dos temas das duas listas de sentenças que acabamos de transcrever: 1- a coragem e a santa alegria; 2- o espírito de fé; 3- a desconfiança de si mesmo e a confiança em Deus; 4- a presença de Deus; 5- a pobreza; 6- a humildade; 7- o zelo; 8- a devoção a Maria.

Notemos enfim, e não se trata de coisa de pequena importância, que mais ou menos todas estas sentenças se encontram nos capítulos da segunda parte da Vida, sinal de que o Irmão João Batista fez questão de integrar esta tradição à síntese doutrinal por ele construída.

O estudo das séries de sentenças leva-nos à mesma conclusão que a dos programas de santidade: por volta de 1822-23, a doutrina marista

está estabelecida em torno de cinco pontos fundamentais. Depois se torna mais complexa e chega a nove. Como é normal numa tradição oral, as séries comportam variantes mas não pode ser negado o fundo comum. E podemos dizer que estas listas de nove temas traduzem a espiritualidade marista mais ou menos elaborada, pelo ano de 1832, se quisermos seguir o parecer do Irmão Avit.

Notemos que os textos emanando do P. Champagnat apresentam formulações do mesmo espírito mas com forma bastante diferente, como se a tradição dos irmãos se formasse sem em nada depender dele. Pode ser que possamos por ali perceber um hiato normal entre a expressão da espiritualidade do mestre e a dos discípulos.

Seja como for, a circular de 19 de janeiro de 1836, apresenta um programa de santidade que já preanuncia o Testamento Espiritual:

“Servir a Deus com fervor”, isto é:

- cumprir seus deveres de estado
- desapegar o coração das criaturas para dá-lo a Jesus e Maria
- abandoná-lo ao movimento da graça.

Imitar e seguir Jesus Cristo:

- por uma terna afeição para com as crianças
- formando-as à piedade.

Fazer reinar a caridade:

- pela humildade dos que obedecem
- pela caridade dos que mandam.

Ter zelo pela própria perfeição:

- pela observância da regra.

No seu Testamento Espiritual, em 1840, o P. Champagnat, depois de ter pedido, em nome do amor de Jesus Cristo, a obediência dos inferiores e a caridade dos superiores, recomenda aos Irmãos: 1- A presença de Deus, fonte da oração e da meditação; 2- a obediência e a simplicidade; 3- a devoção a Maria, a São José e aos santos anjos ⁴¹; 4- fidelidade à vocação; 5- pobreza e desapego; 6- fidelidade à regra, guardiã da castidade.

Na morte do Fundador, já existe uma teologia espiritual veiculada pela tradição oral, as instruções, os fascículos das sentenças, as cartas e as circulares e enfim, o Testamento Espiritual. Mas se todas estas fontes revelam um fundo comum inegável, suas variantes causam problema. Cons-

⁴¹ Num espírito de zelo: difundir a devoção a Maria; ser os anjos da guarda dos alunos

cientes desta problemática, de 1830 a 1852–56, os superiores se dedicarão a edificar, a partir deste corpo, uma doutrina oficial que a imprensa permitirá fixar definitivamente. Ciosos de não deixar perder nada deste tesouro, os superiores fizeram compilações mais ou menos felizes (por exemplo, o conjunto das sentenças colocado de ponta a ponta e retomado na Vida e esforço de síntese, tudo, bastante satisfatório, como a segunda parte da Vida. É preciso, em todo caso, que os leitores desta literatura relativamente tardia, tenham consciência de que ela é fruto de uma longa evolução, mesclada em diversas correntes, tendo-nos sido possível estabelecer duas fases anteriores.

C - A CIRCULAR SOBRE O ESPÍRITO DE FÉ: UNIFICAR A ESPIRITUALIDADE

A redação das *Regras Comuns* (1852) inaugura a oficialização da doutrina marista. Mas não é a primeira síntese dela depois do Fundador, porque a circular sobre o Espírito de Fé, redigida em quatro partes pelo Irmão Francisco, de 1848 a 1851, lhe precedeu, sem a menor dúvida. Bastante esquecida, hoje, esta circular merece ser trazida à luz, porque ela influencia profundamente o capítulo da Vida sobre este tema e também a segunda parte das *Regras Comuns* que começam por um capítulo sobre o espírito de fé. Embora nunca cite o P. Champagnat, esta circular está repleta de seu ensinamento.⁴² Embora bastante confusa e revelando um domínio bastante relativo das fontes utilizadas, (São Paulo, os evangelhos, Rodriguez...) é um esforço meritório de síntese da espiritualidade marista. Para o Irmão Francisco, com efeito, o espírito de fé não é “uma simples prática de piedade” nem tampouco “uma doutrina da vida mística feita apenas para contemplativos”, mas a doutrina da salvação que pede a todos cristãos levar sua cruz, imitando Jesus Cristo. Propõe, por isso, um modelo de santidade bastante diferente do prefácio da Vida visto que não faz, nele, nenhuma alusão à vida monástica. Pelo contrário, este caminho de fé está presente como sendo o de todos os cristãos esclarecidos pela Escritura. Embora procure evitá-lo, o Irmão Francisco indica uma concepção da santidade que integra fortemente a vida mística. Entretanto dirigindo-se a Irmãos, propõe-lhes um programa de santidade mais

⁴² Ver A. Lanfrey; “A circular sobre o espírito de fé” *Cadernos Maristas*, n.º 16, novembro 2000, p. 21-52.

específico, embora fundamentado na vida batismal que pensamos poder assim sintetizar:

O batizado	O educador	O religioso	O Irmão Marista
Espírito de fé	Zelo	Conselhos evangélicos	Humildade, vida oculta

Ainda que o tom geral da circular seja ascético, o Irmão Francisco procura fugir dele, como acontece nesta passagem onde fala da presença de Deus: “Mas procuremo-los sobretudo dentro de nós mesmos, no fundo de nosso coração. É lá que Ele vive como num santuário para ali receber nossas adorações e nossas homenagens [...]. Entremos pois, muitas vezes, nesta cela interior, neste templo de nossa alma, para nele encontrar Deus, para conversar com Ele e prestar-lhe nossos deveres [...]. É este o grande segredo da santidade e da perfeição”.

Este fundo do coração de que fala, não aproxima o Irmão Francisco da “*finis puncta da alma*” dos místicos e do “*fundo da alma*” tão apreciado pela mística especulativa Reno-flamenga?

Sem dúvida, podemos nos perguntar se um texto tão comprido e complexo não estava muito acima da capacidade intelectual da maioria dos Irmãos. De qualquer forma, foi suficientemente compreendido por um certo número deles para ter influência profunda nas Regras Comuns e na Vida. Observemos que, colocado como um capítulo entre outros, perdeu o caráter de síntese que o Irmão Francisco tinha querido dar. Em nossos dias, este texto está muito esquecido talvez porque nossa visão corresponde muito a um defeito que o Irmão Francisco denuncia, nesta instrução, falando da leitura espiritual:

“Escolhemos nossas leituras por espírito de curiosidade ou de vaidade [...]. Assim fazemos com os livros santos, os livros de piedade, se transformam para nós em livros lacrados, nos quais não vemos nada, nos quais nada compreendemos, e que embora feitos para nos iluminar e nos comover, nos deixam sempre na ignorância das coisas de Deus e na tibieza em seu serviço”.

Esta queixa do Irmão Francisco retoma a dos autores espirituais de todos os tempos e deveria nos incitar a ver que a literatura marista, sobre-

tudo a do Irmão Francisco, merece uma releitura com uma grade de interpretação francamente espiritual para não dizer mística.

D – O MANUAL DE PIEDADE: UMA SÍNTESE ESQUECIDA.

Em 1855 é publicado o *Manual de Piedade*, catecismo destinado à formação dos noviços. Logo receberá dos Irmãos o nome de “*Princípios de Perfeição*” porque sua primeira parte trata justamente deste tema. A terceira parte traz as “*orações diversas, para santificar o dia*”. Mas é a segunda parte intitulada “*qualidades de um bom Irmão*” que ocupará, agora, minha atenção porque me parece uma síntese da espiritualidade marista em parte autônoma das que já estudamos.

Com efeito, este Manual é o ancestral dos “*Princípios de Perfeição*” e do “*Diretório da Sólida Piedade*”. Publicado, como já o afirmei, em 1855, provavelmente é bem anterior e deve ter sido lentamente elaborado, primeiro, como manuscrito, pelo mestre de noviços. Por isso é difícil atribuir-lhe um autor. Seria antes um fruto da corrente espiritual que tem sua fonte em Marcelino Champagnat e foi cultivado, depois, pelos Irmãos encarregados da formação.

A segunda parte, desenvolvendo as qualidades de um bom Irmãos, está disposta em treze capítulos inspirados nas instruções de Marcelino Champagnat.⁴³ Tratam sucessivamente, da piedade, do amor e do conhecimento de Jesus Cristo, da devoção a Maria e a São José, do zelo, da abertura do coração, da obediência e da regularidade, do espírito de família feito de humildade, da alegria e enfim, da constância. Um total de nove temas como nos programas espirituais dos anos 1830, já estudados. Os temas fundamentais como o espírito de fé e a confiança em Deus, entretanto, não aparecem, o que deixa supor uma origem antiga e a conservação de um certo arcaísmo espiritual. Mas, em sentido contrário, insiste-se muito na vida religiosa e comunitária, o que mostra preocupações bastante tardias. Em síntese, composto aos poucos, este manual acompanha o desenvolvimento do Instituto, contendo pois passagens mais ou menos antigas.

Daqui, dali, e apesar de um gênero literário feito de perguntas e respostas, que interrompe, continuamente o pensamento, nele encontra-

⁴³ Encontramos facilmente elementos nos fascículos do Irmão Francisco e do Ir. João Batista..

mos definições espirituais de grande valor como na secção que trata da devoção marial onde e diz que é preciso “*viver o espírito de Maria*” e não apenas imitá-la. Esta expressão se assemelha à expressão “*Viver a vida de Maria*” do P. Colin que não consiste em práticas especiais, mas numa atitude de “*identificação mística com Maria*”.⁴⁴

No capítulo XI da primeira parte, que trata do exercício da presença de Deus, encontramos uma definição desta presença, de tom francamente místico, que não encontrei em nenhum dos textos primitivos: “É um inefável sentimento Deus que produz uma paz infusa habitual, é o Espírito de Nosso Senhor enchendo a alma e sugerindo-lhe a cada instante, o que deve fazer”.

É preciso pois que prestemos bastante atenção a este catecismo esquecido⁴⁵ porque é, em boa parte, uma síntese espiritual anterior à literatura oficial do Instituto; porque é testemunha de um esforço sistemático de formação dos Irmãos, começado já nos tempos do Fundador; enfim, porque contém pérolas espirituais que não encontramos em nenhuma outra parte.

CONCLUSÃO

Se o sentido deste ensaio foi bem compreendido, foi possível perceber que é o fruto de uma dupla caminhada: por um lado, reinterpretar fontes já conhecidas como o Fundador ou a Vida do P. Champagnat; de outro, revelar documentos que dormiam em nossos arquivos e de grande valor para a compreensão dos primeiros decênios do Instituto.

Do meu ponto de vista, então, a espiritualidade de Marcelino Champagnat parece ter-se cristalizado em 1815-1816 ao redor de dois eixos. O primeiro é o da humildade unido a uma relação forte com Maria, desembocando na escolha do catecismo e da escola como meios privilegiados de apostolado. O que é próprio da SM parece em parte, contraditório com a atitude que desembocará na experiência Montagne.

O segundo eixo da espiritualidade de Champagnat se encontra evidentemente no texto do Formulário marista inspirado por São Paulo e Maria de Agreda que se refere à SM como uma nova “*Cidade Mística*” gerada pela intercessão de Maria, no dia de Pentecostes.

⁴⁴ Dicionário de Espiritualidade, T.10, artigo “Maria” col. 470, tratando da mística espiritual de Colin.

⁴⁵ Pelo que sei, existe apenas um exemplar deste catecismo, nos arquivos gerais do Instituto.

Champagnat vai viver uma longa união entre sua vocação pessoal e sua pertença ao projeto marista que se decidirá apenas no seu Testamento Espiritual.

A espiritualidade do homem Champagnat vai passar no corpo que fundou por suas instruções, suas sentenças, suas cartas, seu exemplo. Desta longa iniciação resultaram dois programas sucessivos de santidade, um dos tempos de La Valla, em cinco pontos e outro, com nove pontos, mais ascético e mais preciso, que corresponde à época de l'Hermitage. A tradição oral parece ter exercido uma influência marcante nesta tradição ainda pouco cristalizada e que se pode qualificar como já um tanto autônoma da manifestada por Champagnat em seu Testamento Espiritual.

É por isso que depois de 1840, os superiores resolvem criar um corpo único de doutrina por uma esforço de compilação das fontes. Foi o trabalho do Irmão João Batista e do Irmão Francisco que nos deixaram fascículos de instruções de primeira importância nos quais se inspiraram para continuar o ensino oral e fixar uma síntese doutrinal clara. O esforço logrou em 1852-56 o objetivo, com as *Regras Comuns, o Guia das Escolas, a Vida do Fundador...* A normatização da espiritualidade acarreta evidentemente um certo empobrecimento. Tende a fazer esquecer os esforços anteriormente feitos, como a circular sobre o espírito de fé ou o manual de piedade.

Por isso, de 1852-1856, até nossos dias, a memória espiritual do Instituto se estabelece em torno de uma literatura relativamente tardia, cuja elaboração é ignorada por grande parte dos Irmãos do Instituto e por isso, não pode ser iluminada pela tradição dos anos 1817-1840 que se encontra conservada em manuscritos que até hoje, pouco chamaram a atenção dos membros da congregação.

O estudo destas fontes até então "*desconhecidas e ocultas*", permite-me afirmar que, se a espiritualidade oficial dos anos 1852-56 está fortemente inscrita na tradição que remonta a Champagnat não é menos certo também que é uma interpretação marcada pela sua época: a metade do século XIX. É por isso que ela oferece um aspecto ascético e monástico em detrimento de um sopro místico que se encontrava mais presente nos decênios anteriores.

Existe pois uma autêntica espiritualidade marista mas para percebê-la em sua complexidade, e em sua riqueza, é preciso não contentar-se apenas com os escritos de Champagnat e com a literatura posterior a 1850. É preciso juntar a isso, os manuscritos do Irmão Francisco e do Irmão João Batista, bem como alguns textos impressos até então deixados de lado. É por meio deles que podemos enriquecer nosso conhecimento da espiri-

tualidade de Champagnat e ligá-la à literatura oficial que está fortemente fundamentada nela, embora seja ao mesmo tempo relativizada.

Irmão André Lanfrey, abril 2002.

Marcelino Champagnat, seu espírito e sua personalidade

Irmão Paul SESTER, FMS

“Belas ações, grandes obras, trabalhos mesmo penosos e contínuos são pouca coisa; o que lhes confere peso e mérito, o que, realmente os torna excelentes, é o espírito que os inspira. Ora, pensamos é a mais edificante e será também a mais útil aos Irmãos”.

É este espírito que forma o conjunto dos sentimentos e disposições do bom Padre que nós decidimos tornar público, na segunda parte desta obra, que, conforme é por meio destas palavras que o Irmão João Batista começa a segunda parte de sua obra: “Vida de Marcelino José Bento Champagnat”. Não paira nenhum equívoco sobre o que intenta fazer. Depois de ter narrado a vida do P. Champagnat, seus feitos e gestos, quer focalizar sua personalidade, seu espírito, para propô-lo como modelo a seus discípulos, os Irmãos Maristas. O significado que dá ao termo “espírito” difere do que damos ao termo “espiritualidade”. O termo “espírito” quer aqui designar, de acordo com o dicionário, “a idéia que determina, orienta a ação, a intenção, a vontade”. É pois esta força interior que incita a realizar algo bem determinado, que se julga necessário, benfazejo, remunerador e para cuja realização julgamos ter as capacidades necessárias, mesmo que se trate de um interesse pessoal. Contrariamente à “espiritualidade” que designa a característica particular da atividade de um indivíduo, a orientação de sua vida que ele partilha com o restante de seu grupo, o “espírito” se aplica à sua maneira de ser, ao que o anima no seu interior. Se nos perguntamos que homem era Champagnat, é seu espírito que é preciso definir, à guisa de resposta. É o que este estudo vai procurar fazer.

Pode ser que alguns pensem que é inútil voltar a estudar um tema

tão batido e sobre o qual já se escreveu tanto a ponto de não ser possível escrever nada de novo. Não é bem assim, porque nunca se termina de estudar a personalidade de um homem, de refletir sobre suas realizações, de interrogar seus escritos para ter uma síntese sempre mais exata, ou pelo menos de procurar aproximar-se um pouco mais, porque é impossível conhecer uma pessoa em toda sua originalidade.

Além do mais, o conhecimento que uma pessoa pode ter de outra, nunca será objetiva, porque não a pode abordar a não ser a partir de sua própria personalidade, seu modo próprio de conceber e sentir. Com muita razão foi afirmado que apenas cinquenta por cento de uma biografia descreve a pessoa, os outros cinquenta por cento correspondem ao autor. Podemos então concluir desta afirmação que os diversos biógrafos de uma mesma pessoa apenas fornecem um ponto de vista da realidade, e por isso estes diferentes pontos de vista são outras tantas luzes que fazem enxergar melhor o objeto.

Iluminações complementares são fornecidas pelas pesquisas históricas efetuadas desde há alguns anos sobre as origens da SM, sobre o ambiente histórico, social e espiritual, no qual estavam mergulhados os Fundadores. É preciso pois, rever, à luz de novos dados, os estudos realizados a respeito deles. Nesta perspectiva, este estudo tem por objeto aprofundar a personalidade de Marcelino Champagnat, fundador do Instituto dos Irmãos Maristas, focalizar o mais possível o espírito que o animava, a alma que o guiava em suas realizações.

O método a seguir é patente. A base será constituída, necessariamente pela segunda parte da “Vida de Marcelino José Bento Champagnat”, escrita pelo Irmão João Batista. No prefácio, ele mesmo anuncia, que nesta parte quer dar a conhecer o espírito que “forma o conjunto dos sentimentos e disposições do bom Padre”. Um estudo sistemático e crítico, completado por dados provenientes de outras fontes, nos permitirá chegar aos traços característicos de sua personalidade.

O artigo que segue será apenas o começo deste estudo e abarcará apenas o primeiro capítulo.

PLANO DESTA SEGUNDA PARTE

Uma visão global desta segunda parte mostra uma linha diretriz. Os 24 capítulos que a compõem podem ser agrupados ao redor de quatro temas precedidos de uma introdução (cap. 1) e de uma conclusão (cap. 24) . É possível então determinar o plano da seguinte maneira:

Introdução: apresentação do personagem, cap. 1;
Relações com Deus: cap. 2 – 7;
Prática das virtudes: cap. 8 – 14;
Relações com os Irmãos: cap. 15 – 19;
A educação das crianças: cap. 20 – 23;
Conclusão: cap. 24

Este plano revela a orientação geral do conjunto: Começando por apresentar a vida em Deus de seu personagem, se encaminha para o apresentar em sua função de educador das crianças. Se é preciso ver nisso o encaminhamento em direção a uma finalidade, torna-se patente que a intenção do autor é de apresentar um apóstolo cuja vida espiritual é a condição de sua realização apostólica.

Este modo de ver é corroborado pela própria estrutura dos diversos capítulos. A maior parte deles, com efeito, são redigidos num esquema binário. Depois de ter exposto a maneira como o Fundador viveu o aspecto particular estudado no capítulo, mostra-se como formou os Irmãos para seguirem seu exemplo. Assim, no último quarto do capítulo primeiro, podemos ler, a respeito da alegria: “Em suas instruções, o piedoso Fundador mencionava muitas vezes este tema” (pág. 282).

Da mesma forma, no capítulo 3.^o, o último terço é introduzido por estas palavras: “O piedoso Fundador, durante sua vida, nunca tinha deixado de inspirar aos Irmãos a confiança em Deus” (pág. 305).

O capítulo seguinte consagra mais da metade de suas páginas para mostrar que “a coisa da qual ele mais fazia questão era de inspirar aos Irmãos o amor à oração” (pág. 313).

O mesmo acontece com os capítulos seguintes quando trata do recolhimento, do amor a Deus, da devoção marial, e, não menos claramente nos capítulos que tratam das virtudes da obediência, da pobreza, da humildade, do amor ao trabalho, etc... A intenção do biógrafo é mostrar que o Fundador assinala aos Irmãos o caminho a seguir. E se nos perguntarmos sobre as razões deste dever encontramos a resposta limpidamente formulada desde o primeiro capítulo, pelo P. Champagnat, em pessoa: “Para edificar as crianças, para conquista-las para Deus, é preciso ter uma verdadeira piedade e uma sólida virtude” (pág. 282).

A intenção do Irmão João Batista, ao escrever a vida de M. Champagnat não deixa dúvidas. Não é um santo contemplativo que ele coloca diante de nossos olhos, mas um apóstolo preocupado de tal modo pela missão de tornar Jesus Cristo conhecido que sente a necessidade de formar operários para esta missão. Precisamos guardar este aspecto geral da obra

e, por conseguinte, da personalidade que pretende descrever, como pano de fundo, para que possamos ter uma idéia justa de Marcelino Champagnat.

O CAPÍTULO PRIMEIRO

Visto em conjunto, este capítulo apresenta uma tessitura bastante curiosa. Começa com o retrato físico e sobretudo moral de Marcelino Champagnat, depois descreve demoradamente a alegria e termina com o tema da educação. Vemos três temas, à primeira vista, pouco compatíveis para um capítulo só. Mas a incoerência é mais aparente do que real. Vimos acima que a orientação geral desta segunda parte da Vida vai das disposições espirituais do apóstolo ao exercício concreto de sua função, passando pelas qualidades por ela requeridas. Esta mesma orientação se encontra aqui: para tratar o tema que será estudado ao longo desta obra, é apresentado dotado de qualidades físicas e morais, realçadas por um temperamento otimista, e outras tantas disposições que o preparam maravilhosamente para a função de educador. É por isso, que, muito sabiamente, este capítulo é apresentado, no plano geral, como “introdução”, embora não esteja anunciado, como tal, em parte alguma e não explicita nem o plano geral, nem a linha diretriz da ordenação dos capítulos.

Este capítulo pretende também apresentar o retrato físico e moral do personagem de que nos ocuparemos ao longo deste trabalho. Ora, este retrato descreve muito sumariamente os traços característicos que poderiam nos ajudar a compreender muitos aspectos da conduta apresentados depois. Não é pois inútil nos colocarmos de acordo sobre isto.

RETRATO FÍSICO E MORAL

O retrato físico é apresentado brevemente por alguns traços avantajados: “tamanho: alto, reto e majestoso; fronte larga; traços fisionômicos: bem pronunciados; tez castanha”. Uma nota no fundo da página completa a descrição com os dados do passaporte do dia 22 de agosto de 1836: “altura: 1,79; cabelos: castanhos; fronte: descoberta; olhos: grisalhos; boca: média; rosto: alongado; tez: pálida”. Por meio desta descrição breve é possível ver diante de nós, um homem de grande estatura e de uma boa apresentação. Ele mesmo, nas resoluções de 9 de janeiro de 1812, julgando, num excesso de humildade que seu corpo é “bastante mal moldado”,

testemunhava por esta observação, que sua aparência física não o deixava indiferente. Por seu lado, o Irmão Silvestre falando do “exterior imponente do venerado Padre”,⁴⁶ exprime a impressão que causava nos Irmãos, pela “estatura elevada e cheia de majestade, sua aparência ao mesmo tempo, boa e séria, seu rosto recomendando o respeito, suas bochechas emagrecidas, seus lábios um pouco grossos que pareciam querer rir, seu olhar penetrante e escrutador, sua voz forte e sonora, sua palavra nitidamente articulada, sem ser lacônica nem prolixa, todos os seus membros bem proporcionados”.⁴⁷ Para completar, o Irmão João Batista acrescenta: “Esta aparência séria, grave e modesta... inspirava o respeito e muitas vezes mesmo, à primeira vista, a timidez e o medo”.⁴⁸ Parece, no entanto que ele não se aproveitou destas vantagens físicas porque os testemunhos vindos de sua permanência em Paris descrevem seus modos de camponês: “pareciam considerá-lo como um camponês sem apresentação”.⁴⁹ Segundo o P. Chanut seria este o principal obstáculo encontrado durante suas andanças em Paris para obter o reconhecimento oficial do Instituto.

SEU CARÁTER

Segundo seu biógrafo, “*sob formas um tanto duras e um exterior algo severo, escondia o mais feliz dos “caracteres”*. Sem querer por em discussão o conteúdo psicológico do termo “caráter”, contentemo-nos com levar em conta os dados apresentados.

“*Era de espírito reto, juízo seguro e profundo, coração bom e sensível e sentimentos nobres e elevados*”. Conhecendo a tendência do Irmão João Batista à grandiloquência do estilo, por uma parte e por outra, a influência muito forte exercida pelo Fundador sobre os Irmãos, pode-se questionar o grau de objetividade de suas afirmações. Até onde vai, por exemplo, sua isenção de ânimo, no caso das críticas formuladas por Maze-lier no relatório sobre a união de seus Irmãos com os nossos?

“*O honorável Sr. Champagnat era um santo sacerdote, coroou sua vida muito generosa, muito sacerdotal, por uma santa morte, mas, também nos santos há algumas vezes, imperfeições. Era tido como uma pessoa que*

⁴⁶ O Irmão Silvestre conta o P. Champagnat, pág. 17

⁴⁷ Idem, pág. 239/240

⁴⁸ Vida, pág. 251

⁴⁹ O M Extrato, doc. 154 (428), pág. 360

não cumpria muito a palavra. O P. Douillet, superior de La Côte, chamava-lhe a atenção sobre este ponto. O P. Colin também me dizia que Champagnat era repreendido por isso. Eu também tive ocasião de me queixar disso, quando não cumpriu com exatidão, a condição que eu tinha estabelecido para os Irmãos que ele me mandasse para obter a isenção do serviço militar, isto é que morassem em Saint-Paul, até a obtenção do diploma...” Um dia, o próprio Champagnat me dizia: “Censuram-me porque não cumpro sempre a palavra... prometo e depois, se não posso...” Por estas palavras, compreendi que não se tratava de malícia da parte dele, mas apenas que não se importava demais”.

O P. Lavarenne, Vigário Geral de Valença acusa da mesma forma a falta de retidão do Fundador dos Irmãos Maristas. No dia 13 de janeiro de 1836, escreveu ao P. Mazelier: “Vi o Fundador dos Irmãos Maristas e seu companheiro de viagem. De toda a conversa que mantivemos, guardei apenas uma coisa: eles gostariam que a gente os servisse bem, mas se incomodam pouco, em bem servir os demais. Estão sobretudo com medo que nós mandemos em seus Irmãos”.

Numa carta do ano seguinte: 30 de novembro de 1837, escreveu ainda: “A demora que o superior desta congregação (dos Irmãos Maristas) em lhe responder, demonstra que não ficaria chateado se pudesse dispensar o seu pedido”.

Diante destes critérios o superior citado escreve, com uma linguagem bem diferente, a correspondência de 16 cartas escritas ao P. Mazelier. Em cada uma delas, exprime a seu correspondente sua amizade, sua gratidão pelo grande serviço que lhe presta. Assim, no dia 28 de setembro de 1837, escreve:

“Tendo o mesmo objetivo e trabalhando pelo mesmo Mestre, desejamos estar unidos ao senhor e agir de acordo com o senhor. O Sr. nos prestou e nos presta todos os dias grandes serviços. Seus gestos de bondade e sua ternura paternal para com nossos Irmãos que tiveram a felicidade de passar algum tempo com o senhor jamais se apagarão de nossa memória. Sentimos muito não dispor neste momento senão de simples palavras para o reconhecer”.

Numa carta de 23 de fevereiro de 1837 chega ao ponto de lhe oferecer um Irmão para os trabalhos manuais:

“Se entre os que tiverem a oportunidade de ir morar com o senhor, o senhor encontrar alguém que lhe possa ser útil num emprego, ficaríamos satisfeitos. Vamos lhe mandar um sapateiro: é boa pessoa e lhe será útil”.

Como pensar que Champagnat não é sincero, que suas palavras não

correspondem a seus sentimentos? Quem pode censurá-lo de procurar seus interesses quando foi justamente neste sentido que negociou com o P. Mazelier? Acusação de pensar apenas em seus interesses pessoais, cai diante do oferecimento que acabamos de citar. Quanto à acusação de não fazer sempre questão de manter a palavra dada, parece que há um pouco de verdade, pois ele mesmo, de certo modo aceita o fato. Atingir seus objetivos era mais importante do que cumprir a palavra de honra. Apurado, de um lado, por pedidos de Irmãos, via-se, de outro lado, obrigado a chamar de volta, de Saint-Paul, tal Irmão bastante adiantado para ter a possibilidade de ser aprovado no próximo exame para o diploma. Como um diretor de empresa forçado a fazer progredir seus negócios, o P. Champagnat, segundo sua expressão “fabricava flechas com a madeira que tinha,”⁵⁰ para fazer funcionar as escolas.

A retidão de seu juízo pode ser questionada em outros acontecimentos narrados por seu biógrafo, a saber: as despedidas bruscas em decorrência de faltas que não justificariam a sanção. A crueldade de mandar embora um jovem durante uma noite chuvosa de inverno, poderia ser justificada por um santo horror de uma possível contaminação do pecado de impureza? O menos que se pode dizer é que os critérios de então, reforçados por um incondicional amor a Deus, não permitem julgar apenas com os critérios da razão pura. Por isso, nos casos mencionados, a retidão do juízo reside na ausência de toda maldade, tendo em consideração a distância entre os limites do homem e a imensidão de Deus. A fé sólida e o amor ardente não admitem nenhum compromisso mesmo que isso possa desagradar.

Não se exclui que esta atitude manifesta um fundo de intransigência própria do caráter que apenas se manifesta, na descrição que segue:

“Seu caráter era alegre, aberto, corajoso, ardente, constante e sempre sereno”.

Algumas linhas adiante, para demonstrar que Deus lhe deu um caráter adaptado à missão que lhe quer confiar, o biógrafo se torna mais explícito:

“O P. Champagnat deve, a seu caráter alegre, aberto, fácil, atento e conciliador, grande parte de seu sucesso no santo ministério e na fundação dos Irmãos”.

Como é possível ver, estas duas descrições se entrelaçam e se comple-

⁵⁰ O M. Extratos, doc, 164 (752) pág. 417.

tam. Se a primeira mostra um homem de mão de ferro, a segunda, a reveste com uma luva de veludo. Os dois primeiros traços são retomados duas vezes. Por inadvertência ou voluntariamente, num caso como no outro, isso manifesta a vontade de dar uma certa importância a estes dois traços sobre os quais se volta longamente, depois.

A força de caráter vem sublinhada pelos adjetivos: *“franco, firme, corajoso, ardoroso”*. Na vida do Fundador não faltam acontecimentos para comprovar estas afirmações.

Desde o início de sua escolaridade, julgando, por um castigo injusto dado pelo professor a um de seus colegas, que este educador não tinha sentido pedagógico, decidiu não mais ir à escola. Mais tarde, quando decidiu entrar no Seminário, para se tornar Padre, apesar de todos os obstáculos que se apresentaram, mantém-se firme e não desiste da decisão tomada. O mesmo aconteceu quando seus colegas de seminário o encarregaram de realizar sua idéia de acrescentar o ramo dos Irmãos ao plano da SM que estava em estudo. Coloca mão à obra, apenas se apresenta uma ocasião para isso. O mais notável é a perseverança a prosseguir o projeto apesar das mil dificuldades que se apresentaram pelo caminho.

Não faltam testemunhos a este respeito. O Irmão Teodósio, no processo de beatificação, apresentou o seguinte: *“A um juízo são, acrescentava uma força de alma que o fazia vencer todos os obstáculos”*. No mesmo processo, o Sr. Guiot, antigo prefeito de La Valla designava o P. Champagnat como um santo *“cabeçudo”*.

As análises grafológicas feitas sobre alguns de seus autógrafos sublinham fortemente este distintivo de seu caráter. Por sua parte, o Sr. Tavernier⁵¹ julga-o *“dotado de uma natureza ardente e intensa, ... apaixonado, dotado de uma vontade excepcional”*.

Quanto ao P. Palaferri⁵² numa análise mais recente, julgando a pessoa cuja caligrafia está analisando, sem saber de quem se trata, chega às mesmas conclusões: *“é pessoa tenaz e firme diante de uma decisão tomada que ele se empenha em realizar com uma vontade inflexível”*. A conclusão a que Palaferri chega é que se trata de uma pessoa que se controla e que apresenta uma segurança tal que permite a gente se apoiar nela.

⁵¹ Estudo grafológico sobre os escritos de M. Champagnat, por B. Tavernier, Paris, 1947.

⁵² Estudo grafológico feito pelo P. Nazareno Palaferri da Universidade de Urbino, Itália, em 1981 e do qual o Irmão Umberto Bellone, de Gênova presta conta, no livro “A grafia do B. M. Champagnat”, Gênova 1981, em “Procuremos o verdadeiro B. Champagnat, Gênova 1982” e enfim, em “Estudo de um perfil do B. M. Champagnat (1789-1840) Gênova 1983).

É preciso então, não endurecer demais este aspecto, mas dar-lhe tonalidades mais amenas, acrescentando outros aspetos, sobretudo o do sentimento. Seu caráter, diz ainda seu biógrafo, era *“atraente, acolhedor, conciliador”*, mas os testemunhos recolhidos em outros textos apoiam unanimemente, sua sensibilidade, seu amor ao próximo.

Os Irmãos não se cansam de elogiar estes pontos. O Irmão Francisco, já bem velhinho, exclamava: *“É certo, sim que era firme! Todos nós poderíamos tremer ao som de sua voz, com um só de seus olhares, mas era sobretudo, bom”*. O Irmão Lourenço, por sua vez, testemunha: *“Nenbuma mãe tem por seus filhos, o carinho que Champagnat tinha por nós”*.⁵³ Esta ternura não era de encomenda sob um exterior antes rude, sua sensibilidade se exprimia em suas relações mais íntimas. Quase todas as cartas escritas aos Irmãos terminam pela expressão da afeição sincera com a qual os cerca. Escrevia, por exemplo, à comunidade de Charlieu, numa carta ao Irmão Dominique: *“Eu os levo todos, carinhosamente, em meu coração...eu os amo todos”* (Carta n.º 49 L.M.C., p. 129).

Certamente, não se permitia, por um certo pudor, dizer a um Irmão em particular, *“eu o amo”*, mas quando se dirigia a diversos Irmãos, declarava com prazer, quanto os amava!

Este mesmo pudor manifestava-o mais ainda, observando estritamente a moral de então que proibia todo gesto de ternura, porque, o que prescreveu aos Irmãos, ele mesmo o observou primeiro: *“Quer, diz seu biógrafo, que os Irmãos se abstenham de pegar as crianças pela mão, de afaga-las no rosto, de abraça-las e de lhes dar qualquer outro gesto de afeto”* (Vida, pág. 416).

Sobre este aspecto da personalidade de M. Champagnat, a grafologia nos proporciona uma análise mais profunda. O relatório Palaferri diz a este respeito: *“No plano erótico-sentimental, o indivíduo apresenta uma riqueza e uma intensidade de tendências não comuns que unicamente a assimilação de princípios educativos pode ter orientado para formas superiores de expressão da libido. Isso se pode deduzir do grande poder de inibição de que dispõe e que parece inflexível”*.⁵⁴

A análise do Sr. Tavernier, diz o mesmo. Por esta constatação: *“O temperamento devia ser ardente e sensual por disposição natural, mas a “sensorialidade” foi severamente reprimida, sem ser satisfeita. Embora mantida em seus limites, esta “sensorialidade” acentua sua receptividade e lhe*

⁵³ O M Extratos, p.455

⁵⁴ ob. cit. pág. 37

permite compreender as necessidades da vida quotidiana, em outra pessoa. Poder-se-ia dizer que as compreende, sem as desculpar, porque as privações que se impõe por ascetismo, tornaram-no intolerante às fraquezas da natureza que condena tanto mais severamente quanto, talvez, não se encontra totalmente seguro neste domínio”.

O capítulo sobre a pureza nos dará motivo para voltar ao assunto. Basta, por enquanto, concluir que foi um grande domínio de si que transformou M. Champagnat nesta personalidade sólida na qual os Irmãos se apoiavam sem nenhum medo.

Neste mesmo sentido, o mesmo relatório Tavernier acrescenta: *“Era natural que exercesse liderança sobre os companheiros. Uma aptidão natural para dirigir e governar levava-o naturalmente a encontrar-se na primeira fila e a assumir a responsabilidade. Teria, sem dúvida, tido maior dificuldade, em exercer um rol secundário e a ficar na sombra”.* No entanto, o orgulho que semelhantes disposições não podiam deixar de alimentar, era domado por sua vontade tenaz, sob o jugo de um comportamento guiado pela humildade que dava ainda a seu caráter estas qualidades de abertura e de franqueza assinalados pelo seu biógrafo. No entanto, continua vivaz em suas reações, sobretudo quando replica, porque tem a palavra fácil. Por outra parte, se expressa melhor pela palavra do que pela pena, o que lhe permite ser humorista, para tornar o ambiente mais alegre, mais do que para se por em evidência. Uma pessoa acolhedora e segura, modesta e corajosa cujo rosto irradia serenidade calma, vida interior e contato com o sobrenatural, mas também de atitudes simples, modesta e circunspeta. Este parece ser o retrato dele conservado pelos Irmãos que o veneravam como seu pai, e mesmo pelas pessoas que teve ocasião de encontrar para os negócios que diziam respeito ao Instituto.

A TRISTEZA E A ALEGRIA

A respeito dos diversos negócios que teve que tratar, seu biógrafo sublinha: *“O que havia de mais admirável no caráter de M. Champagnat, é que era sempre o mesmo... nada alterava a paz de sua alma e a serenidade de seu rosto”.*

A respeito desta constância de caráter, desta estabilidade de humor, cuja importância lhe parece tão grande, que lhe consagra a metade deste capítulo, vai tratar da tristeza e da alegria, mais exatamente do que chama algumas vezes, a *“santa alegria”* e outras, a *“alegria da alma”*, designando assim, não este estado de felicidade intensa, de plenitude que é a alegria

em seu pleno sentido, mas antes, este sentimento de felicidade fruto do bem-estar, da satisfação o que se deduz desta afirmação: *“Nada alterava a paz de sua alma e a serenidade de seu rosto”*

Querer vê-lo sempre radiante de alegria, constantemente com o sorriso nos lábios, seria então, mal interpretar o retrato de M. Champagnat que o Irmão João Batista quis nos deixar. Nós o faríamos cair, muitas vezes, em contradição, ao longo do seu texto.

Diante de falhas manifestas de seus Irmãos, seu rosto não ficava impassível, mas exprimia o desgosto e a pena. Seu olhar inspirava o terror e o tom de sua voz se elevava até o grito, diz-nos o narrador.

Admitindo que há, nestas afirmações, algum exagero devido ao impulso literário, não é menos certo que, em certas ocasiões, o P. Champagnat manifestava uma sensibilidade que, às vezes, o fazia reagir energeticamente.

Mas, antes de ficar muito tempo analisando a maneira como reagia pessoalmente, diante dos eventos tristes ou alegres que encontrou, o biógrafo prefere mostrar concretamente o que fez para combater a tristeza nos Irmãos e para fazê-los irradiar a alegria. Para ser mais objetivo, convém pois, examinar antes as atitudes e as reações pessoais que o Irmão João Batista assinala, não neste capítulo, mas ao longo dos que seguem e que permitem melhor apreciar as primeiras afirmações.

Por certo, quando se trata da constância do caráter, do equilíbrio do humor, entendemos a ausência da tristeza profunda como das grandes efusões de alegria. Se nunca foi possível constatar em Champagnat tais arrebatamentos de humor, não significa que permanecia impassível diante de acontecimentos que de qualquer forma, o afetavam. Com efeito, na seqüência destas crônicas não faltam alusões a vivas reações diante de fatos fortuitos. *“Confrontado com o abandono de um Irmão, foi visto freqüentemente, sem poder comer nem beber, tanto se sentia abalado, tanto era sensível à perda de um de seus filhos”*. (pág. 482). *“Uma falta ostensiva contra a pureza fazia-o chorar; mostrava-se terrível e inexorável todas as vezes que havia contágio e os corruptores não encontravam nunca complacência, a seus olhos”*(pág. 419). *Cem vezes, se levantou (contra as faltas voluntárias à missa e à comunhão) e sempre com uma energia e uma força que mostrava o grande amor que tinha por Jesus Cristo*”. (pág. 430). *“Quantas vezes, o autor mencionou que ele levantou o tom da voz, olhando para os Irmão com um olhar “amedrontador”*. A um Irmão que entrava na capela sem se descobrir, gritou: *“Como? Você não se descobre ao entrar na capela?”* (pág. 290). Sem dúvida, julgava que o grito que deu era menos ofensivo do que a cabeça coberta. A

menos que desta vez estivesse gritando mais forte do que quando interpelava o Irmão Jerônimo que fazia sua inspeção noturna (pág. 480). De qualquer modo, seu biógrafo mostra que era sensível e se deixava conquistar pela emoção, mas nunca se menciona cólera, descontrole. O domínio de si apenas deixava aparecer o que era necessário para a correção de seu interlocutor.

Nos momentos de alegria, pelo contrário, as manifestações exteriores não eram menos aparentes, mesmo se nunca foi visto rir às gargalhadas, manifestando uma alegria real. Em quatro passagens, no entanto, o Irmão João Batista conta que o P. Champagnat respondeu a seu interlocutor, “rindo”. Ao postulante que queria ir embora, disse, rindo: “*Aqui está seu dinheiro e eu não toquei nele*” (pág. 280) Quando lhe perguntam ironicamente, se pega seu dinheiro no banco do Estado, “*tenho muito mais do que isso, respondeu o P. rindo: eu tenho o tesouro da Providência!*” (pág. 306). Tratando da mortificação: “*uma pequena penitência, acrescentou, rindo, não faz nenhum mal!*” (pág. 398). Ao operário que se deixou vencer pela dureza do rochedo, o P. respondeu rindo: “*Você está com cara de desanimado!*” (pág. 426). Estes casos, ao mesmo tempo que manifestam a amizade, mostram também, que tinha um gostinho especial em desafiar os que mostravam pouca garra. Em outras circunstâncias, segundo relato do Irmão Avit, o humor devia servir mais do que para apenas alisar as rugas do rosto. Como não vê-lo rir francamente, ao levar seu amigo, o P. Préher, pároco de Tarantaise, para conversar com o Irmão Doroteu que saudou com estas palavras: “*Bom dia, Irmão da vaca!*” para ouvir em resposta: “*Bom dia, Padre!*” (Anales 1, pág. 280). Como podia deixar de rir, quando deu ao jovem Mercier o nome de Irmão Barulas porque tinha rolado pela escada abaixo, alguns dias antes da tomada de hábito?” (Ibid. pág. 239). Outros fatos deixam entrever, que por caráter, sempre foi “do grupo dos descontraídos”, no sentido nobre da expressão e que psicologicamente não era propenso, por natureza, à tristeza, muito pelo contrário. Estas considerações vão muito além dos limites fixados pelo Irmão João Batista a este capítulo, mas servem para melhor descrever a personalidade de M. Champagnat e corrobora a tese á qual consagra o resto deste capítulo, i.é., que Champagnat se esforçou para manter os Irmãos alegres, certo de que, sem a jovialidade do coração é difícil perseverar. Assim sendo, os candidatos tristes e fechados em si mesmos, não devem ser admitidos se não conseguem se abrir, no serviço de Deus. Por isso se esforçava para ajudar os jovens a se manterem sempre alegres. Para ele, devido ao caráter, isso não era nada difícil. O biógrafo, de fato, afirma: “*Nunca foi visto triste ou desanimado ... longe disso, sustentava o ânimo*

de seus Irmãos” o que não significa que sempre o conseguiu, como o prova o fato seguinte.

Freqüentemente, o P. Champagnat pedia a alguém que o acompanhasse em suas andanças. Nada a estranhar que para acompanhá-lo numa saída, convidou um Irmão de caráter depressivo, para convence-lo e ajudá-lo a superar a tristeza natural. O Irmão João Batista diz que a conversa, se reduziu a duas frases. Mas é um fato que não corresponde ao temperamento do Padre que normalmente não se deixa atrapalhar pela palavra e a intimidade. O monólogo que seguiu só teve como eco, um silêncio obstinado.

O canto que São Francisco de Sales prescreve como remédio à tristeza, parece não ter surtido efeito.

Poderíamos também nos interrogar sobre a oportunidade da recomendação final, que muito genérica, não atinge o problema pessoal deste Irmão: *“O Padre Champagnat dizia que os homens tristes e melancólicos por natureza, não são aptos à vida religiosa nem ao ensino”*. Esta frase, na boca de Champagnat, nesta circunstância, leva a pensar que o Irmão não continuou no Instituto.

Esta frase afirma uma verdade geral que o P. Champagnat adotou como tema de uma conferência aos Irmãos. É patente que para esta conferência, se inspirou, no P. Afonso Rodrigues *“Prática da Perfeição Cristã e religiosa”*, sexto tema da segunda parte: *“a tristeza e a alegria”* cujo primeiro capítulo trata dos *“grandes males que causa a tristeza”*. Tais grandes males, podem ser reduzidos a quatro: A tristeza tira o gosto pela meditação e a leitura espiritual, torna-nos ríspidos e chatos para com nossos irmãos; leva facilmente à cólera e pode até mesmo exaltar o ânimo; causa muitas tentações e quedas, leva até mesmo à morte eterna do inferno. A semelhança com as três primeiras causas assinaladas pelo P. Champagnat salta aos olhos, mesmo que se apresentem em ordem diferente. A diferença é grande na exposição: enquanto Rodrigues expõe a primeira causa com calma e longamente, o Irmão João Batista se exprime por meio de frases curtas, incisivas e não tem medo de exagerar, como nesta passagem: *“Para a alma que se deixa dominar pela tristeza, nada é tão penoso quanto o exercício da oração. Ao orar, sofre um martírio, melhor dito uma espécie de inferno impossível de descrever”*. Infelizmente, não é possível determinar se este estilo é do narrador ou do autor da frase. Esta verificação nos permitiria conhecer melhor o caráter do último.

Em segundo lugar, é causa de tentação, porque, para Rodrigues, o demônio se serve de dois meios: o desespero no qual mergulha a alma

ou o prazer e sobretudo o da carne que lhe faz tremeluzir como antídoto, enquanto o Irmão João Batista se limita ao primeiro destes meios, mostrando que o espírito das trevas tem um gosto particular pelas trevas da tristeza.

Quanto ao terceiro perigo da tristeza, “destruir a caridade fraterna”, o Irmão João Batista acentua a vida comunitária mas considera apenas a pessoa e insiste que a tristeza torna o homem impaciente, desconfiado e intratável. Às vezes, mesmo, lhe perturba o espírito de tal forma que parece privá-lo do juízo”.

Com relação ao quarto perigo de provocar escândalo, não aparece em Rodrigues. É uma preocupação que caracteriza o P. Champagnat.

Sem fazer nenhuma transição, mas claramente, para evidenciar o impacto da tristeza sobre o ambiente, o Irmão J. Batista propõe um segundo exemplo, seja porque o P. Champagnat não compreendeu a atitude do Irmão, ou porque queria fazer-lhe compreender todos os efeitos nefastos da tristeza. Champagnat faz ao Irmão uma série de perguntas sem fundamento. Portanto, mesmo que se trate de uma predisposição natural para a tristeza e o acanhamento, a vida comunitária e a presença entre as crianças pedem que estas propensões sombrias sejam substituídas por um semblante amável e sorridente.

O exemplo da vida de São Francisco de La Salle serve de transição para passar da tristeza ao que a autor chama doravante “*a santa alegria*”.

O Irmão João Batista dá a este tema um tratamento bem diferente do que lhe dá Rodrigues. Este mostra os efeitos positivos da alegria: Deus gosta de ser servido com alegria porque isso redundará em sua honra e glória; ela edifica o próximo porque faz apreciar a virtude; os atos feitos com alegria dão mais satisfação, são mais meritórios, e são melhores garantias de perseverança no bem.

O Irmão João Batista transforma a alegria numa arma de combate contra o demônio de quem os autores espirituais afirmam que nada pode contra a alegria; o demônio, mergulhado em tormentos tenebrosos, se vê aniquilado pela inveja que sente dos que gozam da luz.

Por isso é importante “*viver na santa alegria da alma*” que nada mais é do que a felicidade íntima de estar onde se deve.

O meio empregado pelo Santo Fundador para manter entre os Irmãos esta alegria sadia, era o de fazê-los praticar esportes durante o recreio. Falar de licença para jogar, neste caso, parece, hoje, muito estranho, mas naquele tempo não era. Durante os recreios de então apenas era permitido passear em grupos de um lado para outro, porque o respeito pela batina e a dignidade clerical ou religiosa seriam profanadas pela prática de

exercícios físicos violentos. O Irmão João Batista se sente satisfeito ao poder dizer que o P. Champagnat não se situava no mesmo degrau na escala de valores. Entretanto o exemplo que traz para ilustrar esta disposição nos deixa sonhando diante do grau de cultura de certos Irmãos daquele tempo. O P. Champagnat tinha razão em desculpar o jovem Irmão e em chamar à responsabilidade os coirmãos que não o orientaram para que tivesse ocupações mais intelectuais, porque, era a vocação religiosa do Irmão que importava. Sobre este tema, Champagnat não fazia concessões, ele que considerava *“a sã alegria da alma como um sinal de vocação”*. É por causa disso, que ler em sua biografia *“que nada negligenciava para ajudar os Irmãos a combater esta tentação”* não causa surpresa ao leitor, mas escrever: *“ele tinha um dom e um talento especial para dissipar (a tristeza,) exige comprovação.*

É este o objetivo do quarto exemplo que vem citado duas linhas depois.

Lido às pressas, pode parecer um estratagema: promete ao jovem deixá-lo partir quando tiver superado sua crise de aborrecimento e, depois, uma vez que ele o conseguiu, lhe diz que já não tem mais razão para se retirar.

Convém analisar a cena mais de perto. Segundo a biografia esta cena se situa nos primeiros dias do mês de março de 1840, o postulante Marguet Pierre, de 22 anos, que depois se tornou Irmão Firmino e morreu no Instituto, nos primeiros dias passou por uma forte crise. O P. Champagnat notou que era dotado de *qualidades excelentes*, indícios certos de vocação. A crise era o que se chamava “o mal do torrão natal”, isto é, o misto de saudade e tristeza que se sente ao abandonar a terrinha pela primeira vez. Champagnat lhe disse: caso se trate de um pessimismo inerente ao temperamento e se continuar a se sentir mal, *“eu não o segurarei”*. Daqui a alguns dias, quando a crise diminuir, *“eu o deixarei voltar para casa se quiser”*.

Nada nem ninguém exercerá pressão sobre ele. O dinheiro que entregou para a pensão, está à sua disposição.

Mas se o incômodo fosse apenas uma crise passageira, uma tentação, o melhor, para ele, seria de pedir sua admissão definitiva pois veio, pensando nisto. Os dois temores que exprime são perfeitamente aceitáveis: por um lado está influenciado pelo magnetismo que o Fundador exercia sobre os jovens, e por outro, a idade lhe ensinou o valor do dinheiro. Concluímos então que não é pela astúcia que Champagnat curava da tristeza, mas pelo jeito que tinha de deixar todos bem à vontade e de inspirar confiança a quem o consultava.

Estas disposições o tornavam particularmente apto à educação. É o tema que trataremos na terceira parte deste capítulo. Depois, ter enumerado as qualidades necessárias para ser bom educador, estribado em citações dos Padres da Igreja, o Irmão João Batista expõe as razões pelas quais Champagnat fazia tanta questão que os Irmãos as possuíssem e que ele depois fundamentava no respeito devido às crianças, para acabar recordando as regras fundamentais a seguir neste apostolado.

As qualidades requeridas são de fato, disposições de temperamento tão importantes que não parece supérfluo sublinhar e tornar a sublinhar sua importância, sem medo de repeti-las e de apoiá-las na doutrina dos Padres da Igreja. No topo da lista: a bonomia, a santa alegria, depois a bondade e a amabilidade, enfim a prudência e a modéstia são muitas vezes recomendadas por Ambrósio, Agostinho, Gregório de Nissa, Francisco Xavier e Vicente de Paulo. Para ser admitido numa sociedade, mais ainda quando se quer exercer sobre ela uma influência educativa, estas qualidades são com toda certeza, indispensáveis.

O P. Champagnat não tem a menor dificuldade em convencer os Irmãos que devem se esforçar para as adquirir porque são apóstolos. O trapista ou o monge, no fundo de sua cela, sozinho, não precisa destas virtudes para se santificar. Mas o apóstolo, para ser fiel à sua vocação e portanto, para assegurar sua salvação, não as pode negligenciar.

Para fazer o bem entre as crianças, é preciso, sem dúvida, ser piedoso e virtuoso. Isso porém, não é suficiente, se não se tem um *“caráter e modos que atraem e que agradam”*. Para fazer o bem, acrescenta o P. Champagnat, o caráter mais adequado é o que *“é ao mesmo tempo, alegre, aberto, previdente, afável e constante”*. Estes mesmos adjetivos foram usados para descrever o caráter de Marcelino que dizia ser *“realçado por uma grande humildade e uma grande caridade”*. Mas quando é questão de crianças, como aqui, o educador além de ser humilde e caridoso, deve ser cheio de respeito por elas. Sem isso, a ação não as atingirá. Será por causa da sua importância ou de sua relação com o caráter, que no restante do capítulo, o biógrafo só trata deste tema?

Observemos que o Irmão João Batista trata estes mesmos pontos, em dois escritos, quase idênticos, feitas algumas ressalvas. O primeiro deles, no capítulo 15 de uma obra inédita, escrita por ele: *“A educação do Irmão Marista”*, e o outro, no *“Avis, Leçons, Sentences et Instructions”*, capítulo XXXVIII, sob o título *“O santo respeito devido à criança”*. Esta segunda versão se parece mas só de longe, com a que se encontra na Vida.

Concebida de forma diferente, expõe em nove pontos: “*o que é a criança este ser que é preciso respeitar*”. A criança é: 1- a obra-prima da criação; 2- a imagem de Deus; 3- o filho de Deus; 4- o preço do sangue de Jesus; 5- o herdeiro do reino celeste; 6- o que há de mais belo na terra; 7- vosso irmão, um outro vós mesmos; 8- o campo cujo cultivo Deus vos confia; 9- a bênção de Deus; a esperança da terra. Do ponto de vista teórico, que adotamos aqui, a criança se apresenta ao educador que não pode deixar de lhe querer bem, como objeto de grande valor.

Observe-se que a primeira versão é mais realista e familiar. A primeira parte, como na versão precedentemente analisada, fornece os motivos pelos quais o educador deve respeitar a criança, a segunda enumera os defeitos contrários a este respeito e o último parágrafo, enfim, trata das regras dadas pelo Fundador a respeito das relações entre alunos e Irmãos.

As oito razões para respeitar a criança decorrem do seu status de pessoa de quem se trata, por causa de sua situação particular, pelas regras que regem as relações entre os homens. Estes motivos podem ser assim resumidos: vocês devem respeitar a criança porque vocês exigem que ela os respeite. Vocês devem também “*merecer seu respeito e sua obediência*” (Vida, 550). Porque a criança é seu semelhante e inocente; porque respeitando-a vocês evitarão que suas relações se tornem muito sentimentais, e talvez carregadas de culpa enfim, sem este respeito, as relações se transformariam em adulações grosseiras”. O estilo é aqui, mais simples, mais realista, mais vizinho às pessoas mencionadas, porque mais espontâneo, menos elaborado do que na versão precedente que é, sem dúvida, posterior a esta.

No mesmo estilo direto e realista são depois enumerados “os defeitos contrários ao respeito devido às crianças”. São sete: a rudeza e a dureza; a falta de compostura e de gravidade; qualquer familiaridade; as amizades particulares; a inconstância na maneira de educar as crianças; a fraqueza de vontade; a falta de dignidade.

Segundo o P. Champagnat, o Irmão deve ser bom, mas firme; sem ceder ao sentimentalismo; mostrar-se dignamente respeitoso. Este trecho deixa adivinhar um trecho do Cardeal da Luzerna que o Irmão João Batista vai citar no último capítulo de “*Avis, Leçons, Sentences et Instructions*” a respeito das virtudes do educador, (Ob. Cit. Ed. 1868, pág. 509/510), sem dizer que o Fundador tenha citado este texto aos Irmãos, pois os teria desanimado.

Termina o capítulo, mais modestamente, recordando algumas regras prescritas aos Irmãos: “*Para mantê-los numa grande tranqüilidade de caráter, preservá-los de toda explosão de humor e para evitar tudo quan-*

to poderia ferir o respeito...” Estas normas não estão consignadas nas Regras, nem em nenhum dos rascunhos das regras, conservados em nossos arquivos. Visa pois unicamente as poucas frases que seguem a saber: É proibido aos Irmãos:

Estabelecer familiaridade com os alunos
e também de jogar com eles
tratá-los por “tu”
apelidá-los

usar, falando com eles ou ao repreendê-los ou castiga-los, de palavras duras e ofensivas;

e usar castigos afluivos;

Ser sempre muito honesto com os alunos

E formá-los mais pelos exemplos do que pelas lições.

Deixar para o dia seguinte, a determinação da punição das faltas graves. Isso permitirá ser calmo, justo, caridoso e indulgente.

Elevar o coração a Deus, todas as vezes que for preciso castigar, chamar a atenção, corrigir ou dar algum aviso.

O Irmão João Batista conclui este parágrafo, sobre as regras, indicando que elas objetivam não apenas a preservação dos Irmãos, *“mas também fazer da escola uma família pelo sentimento de respeito, de amor e de confiança recíproca que devem animar os professores e os alunos”*.

CONCLUSÃO

Instaurar em nossas escolas, o espírito de família é um ideal a respeito do qual, certamente, o P. Champagnat sonhou, para os Irmãos. Pergunta-se então porque estas *“normas”* pelas quais lhes pede de estabelecer este espírito, não foram inscritas no livro das *“Regras”* de 1837? A resposta talvez se encontra na concepção mesma deste livro que se limita a legislar sobre a conduta exterior e nada prescreve a respeito da vida interior. Ora, as considerações sobre a educação, desenvolvidas são da mesma ordem. É questão de atitude interna, pessoal, nas relações entre professor e aluno, enquanto a teoria da educação acha seu lugar nos últimos capítulos desta obra.

Mas isto não justifica, no entanto, a concepção geral deste primeiro capítulo. É surpreendente como já dissemos desde o início deste estudo, constatar a forma heteroclita e fragmentada deste capítulo, que vai do retrato do Fundador à educação das crianças, passando por um tratado substancial sobre a tristeza e a alegria. Como temas tão diferentes se entre-

laçam? O Irmão João Batista, tinha, sem dúvida alguma razão para colocá-los assim juntos, pois não é um escritor tão desastrado, a ponto de compor um capítulo com elementos sem nenhuma ligação lógica entre si. Embora não explícito este liame está presente. Todos os elementos têm algo a ver com o caráter. Descrevendo o retrato físico da pessoa cujos fatos e gestos vai apresentar, quis mostrar que a natureza o dotou do caráter idôneo para o cumprimento de uma missão que gira inteiramente em torno das relações sociais. Tornava-o de modo especial capaz de formar seus discípulos, fazendo com que eles também adquirissem, por sua vez, graças à correção de seu caráter, as aptidões fundamentais indispensáveis a quem deseja ser educador da juventude. É preciso que seja uma pessoa que irradia continuamente a alegria de viver e tratar seus alunos com respeito, qualidades que Champagnat sabia transmitir, porque ele mesmo as possuía. É preciso pois tomá-las em consideração se quisermos obter um retrato completo. Todo o capítulo, então, põe em relevo os diferentes aspectos da personalidade, revelando como era percebido pelos que se acotovelavam com ele, em seus trabalhos, em suas relações, suas maneiras de ser na convivialidade. Se este modo de perceber a personalidade é pertinente, é possível, à guisa de conclusão, esboçar em traços gerais, seu retrato.

Sempre calmo e sereno, nenhum medo faz trepidarem as disposições naturais descritas no início deste capítulo: a alegria, a abertura, a coragem a constância. É então preciso acrescentar o que nos ensina a seqüência: sua tendência em sair de si para ir em direção dos outros e o respeito e mesmo a caridade que demonstra para com todos e de modo especial aos pobres. Seu altruísmo não tem limites, estimulado pela necessidade de se doar, de não deixar uma necessidade constatada sem procurar o remédio conveniente e aplicá-lo imediatamente. Isso só se pode conceber a respeito de uma pessoa cuja característica especial é ser homem de ação, de coragem intrépida que não se deixa abater pelas dificuldades. Algumas vezes, ousado, sabia, no entanto o que queria e quando se decidia por alguma coisa, se empenhava sem descanso, decidido a pagar, em primeira pessoa, para vencer os obstáculos que podiam se apresentar, por falta de previdência. Nada, no entanto podia lhe arrebatá-lo a confiança que hauria tanto em seus relacionamentos íntimos com Deus quanto na familiaridade com a natureza e as coisas da terra que não enganam, que sua condição de filho do campo, lhe permitiu contrair. Dotado de uma inteligência profunda no domínio prático, mas limitado no plano teórico; interiormente sólido em suas convicções mesmo que exteriormente, antes reservado. Quanto ao sentimento, Marcelino não é certamente desprovi-

do dele, como o testemunha as carta que escreveu aos Irmãos. Entretanto sua abertura de coração, ao mesmo tempo respeitosa não o deixam menos vigilante quando se trata da defesa dos verdadeiros interesses quites a parecer, algumas vezes, intransigente. Longe de ser agitado pela dúvida e a incerteza, está firmemente ancorado em suas convicções. Daí esta segurança e esta solidez sobre as quais os Irmãos se sentiam felizes em poder apoiar-se.

Le Senne o teria classificado entre os emotivos-ativos, com uma derivação média, tanto primária como secundária, mas com uma atividade preponderante. Não se eternizava na oração e na meditação embora lhes dedicasse tempo conveniente. Seus momentos de oração eram freqüentes, curtos e de profunda intimidade. Nada poderia melhor evidenciar seu caráter do que o sentimento de estar continuamente na presença de Deus, ao qual tinha devotado toda sua existência.

Documentos

O Irmão Francisco fala do P. Champagnat

*Irmão Paul SESTER, FMS
em Projeto de instruções (AFM 306)*

No dia 16 de julho de 1860, o Irmão Francisco reúne o 3.º Capítulo Geral. Motivado pela saúde precária, pede para ser dispensado da administração do Instituto, confiando-a ao Vigário Geral. O Capítulo aceita. Doravante, o Irmão Francisco, continuando Superior Geral, se retirará para l’Hermitage e ali exercerá a função de Superior da casa onde vivem Irmãos anciãos, Irmãos encarregados de trabalhos manuais e jovens formandos.

Introduziu logo, o costume de reunir os Irmãos, na manhã do domingo, para uma “instrução”.

É o rascunho destas instruções que ele nos deixou numa caderneta conservada em nossos arquivos. Esta caderneta de 262 páginas manuscritas, no formato de 19 por 14,5, nos dá acesso a alguns aspectos da vida dos Irmãos em l’Hermitage, nos anos 1860 a 1875 e complementa vários aspectos da personalidade do Irmão Francisco como por exemplo, a lembrança do Fundador evidenciada nas passagens que seguem.

Vêm transcritas por temas, para que apareça melhor a importância de cada uma, na memória de um discípulo fortemente influenciado pelo mestre.

Visto que as datas são importantes, quando se trata de opiniões, cada citação vem assinalada com a sua.

Os “nota bene” indicados pelo autor, são explicitados por notas de fundo de página para que o leitor possa se situar mais facilmente.

Finalmente, para que omiti-lo, minha intenção secreta, ao fazer este trabalho, é de chegar a alguma percepção particular a respeito de Marcelino Champagnat, a partir das conversas familiares entre o Fundador e seu colaborador mais imediato. Mas logo se constatará que esta esperança é decepcionante. O respeito do Irmão Francisco por seu superior é tal que

não se julga no direito de comunicar palavras ou atitudes que julga muito íntimas. Sabe também que sua curiosidade não o leva nesta direção, contentando-se com ver nele o modelo que descreve seu biógrafo ao qual se refere, na maior parte das vezes.

Nem por isso, esta compilação perde seu interesse, pois reforça certos aspectos da psicologia tanto do mestre como do discípulo.

Paul Sester, dezembro 2001.

A CASA DE L'HERMITAGE, RELICÁRIO DO PADRE CHAMPAGNAT

26.08.1860

Notre Dame de l'Hermitage: 1- a posição topográfica; -2 O aspecto; 3-o que produz; 4- a escolha do P. Champagnat: solidão, retiro.

Quantas lembranças queridas e piedosas! Quantas reflexões! Quantos pensamentos sérios! Aqui tudo nos fala de nosso querido e venerado Fundador. Tudo, aqui, nos recorda sua vida, suas obras, seus trabalhos, seus sofrimentos e sua morte.

02.07.1860

La Valla: 1- Paróquia do P. Champagnat; 2- Nascimento e infância do Instituto; 3- Zelo, trabalhos, piedade, perseguições, solicitude do Santo fundador; 4- Vida dos primeiros Irmãos.

Notre Dame de l'Hermitage: 1- jovens, educação, crescimento do Instituto; 2- Trabalhos para a organização, o desenvolvimento do Instituto; 3- Autorização do governo; 4- Regras.

Saint-Génis-Laval: 1- Trabalho, extensão, maturidade do Instituto; 2- Aprovação de Roma; 3- Aumento considerável dos Irmãos, das construções dos estabelecimentos.

1 - O presépio de Belém; 2- A casa de Nazaré; 3- O Cenáculo de Jerusalém.

30.09.1860

Manutenção: móveis, imóveis: herança do P. Champagnat consagrado a Maria. Pobreza em sua vida. 2.^a parte, cap. 9.⁵⁵ Como se este bom Pai nos estivesse vendo.

⁵⁵ Vida, ed. 1989, pág. 340 a 352, Capítulo IX: Seu amor à pobreza.

O2.12.1860

A casa de l'Hermitage deve ser considerada:

1º. – Como o grande relicário do P. Champagnat. É preciso respeitá-lo: ele o construiu, nele trabalhou, ali instruiu seus Irmãos, rezou, sofreu e morreu.

2- Como o grande seminário do Instituto. Nele, é preciso se aperfeiçoar em tudo

3- Como uma escola de economia doméstica, para ser capaz de cuidar de tudo e de tudo usar bem.

4- Como o reino do espírito de família. Fazê-lo reinar e manifestá-lo em tudo

18.08.1861

Lembrança de Notre Dame de l'Hermitage e das lições de Champagnat. É um lugar santo:

1 - Pela escolha que dele foi feita e as graças que Deus ali derramou.

2 - Pelas orações que ali foram feitas e as virtudes ali praticadas. Espero que isso nunca acabe.

23.03.1862

Respeito pela casa de Nazaré, transportada pelos anjos para Loreto – Peregrinação- respeito por nossa casa, construída pelo P. Champagnat, consagrada a Maria, sob o amparo de São José e habitada por Jesus, no Santíssimo Sacramento.

1862 Chegam os noviços e postulantes de Saint-Génis-Laval.

Vocês chegam com alegria e é com alegria que os vemos chegar nesta Casa edificada pelo P. Champagnat, nosso venerado Fundador. É aqui que ele tanto trabalhou, rezou e passou vigílias, para o bem da Sociedade. É aqui enfim que ele tanto sofreu e morreu. O túmulo dele se encontra no cemitério da comunidade.

Nesta sala teve seu primeiro quarto nesta casa. Aqui funcionou a primeira capela provisória após a capela do bosque. Aqui, mais tarde, nos dava suas instruções tão práticas, durante o ano e sobretudo durante os retiros. Foi aqui, enfim que ele foi administrado e que ele nos fez a comvente alocução que foi o seu Testamento Espiritual.

Tudo isso nos lembra este bom Pai. Os muros, os tabiques, os assoalhos, nos dizem que foi ao mesmo tempo: pedreiro, gesseiro, marceneiro, que metia a mão em tudo e tudo dirigia. Caminhou pelos andai-

mes, percorreu estes apartamentos; rezou, cantou, confessou, celebrou, distribuiu a comunhão nesta capela que construiu, trabalhou a terra, o jardim e nele passeou. Comeu no refeitório, no salão. Deu lições aos Noviços, na sala do Noviciado; bateu com a picareta no rochedo. Repousa, enfim, no cemitério que ele mesmo fez. Vocês comerão os frutos das árvores que plantou e vocês habitarão os lugares que ele escolheu e nos quais morou.

Vocês estarão nesta casa como dentro de um grande relicário do P. Champagnat. Procurem assimilar bem seu espírito, imitar suas virtudes, lembrem-se de seus avisos, suas instruções e procurem praticá-los. Numa palavra, vivam em Notre Dame de l'Hermitage (foi ele que a batizou com este nome), como se o P. Champagnat estivesse ainda com vocês, aqui. Assim procedendo, vocês viverão contentes e felizes e progredirão muito na perfeição religiosa. Vocês se aproximarão de seu túmulo com amor e confiança, para lhe pedir a bênção e pedir-lhe que lhes consiga a graça de se mostrarem sempre seus dignos filhos.

16.10.1864

Silêncio respeitoso na casa do P. Champagnat nosso Venerado Fundador. Ali se encontram:

1 - Seu quarto no qual recebeu muitos postulantes, deu tantos conselhos aos Irmãos, escreveu tanto, sofreu tanto e enfim, morreu.

2 - A enfermaria que Nosso Senhor visita tantas vezes quando é levado aos doentes; onde tantos Irmãos morreram santamente, após longas e dolorosas enfermidades sofridas com paciência e com tanta edificação para os visitantes; e onde o P. Champagnat quis vir, para morrer.

3 - O pátio interno, Santa Maria, São José, o caminho do cemitério que termina no grande passeio pelo qual Nosso Senhor passa em procissão, duas vezes por ano; por onde a estátua de Nossa Senhora é levada em triunfo no dia da Assunção.

A missa foi sucessivamente celebrada pelo P. Champagnat:

1.º na pequena capela do bosque

2.º na Sala de meditação

3.º no quarto n.º 1 do primeiro andar.

4.º na primeira capela construída "ad hoc" no ângulo nordeste do estabelecimento.

5.º na capela atual.

11.11.1866

Esta casa foi abençoada por Dom de Pins, Arcebispo de Amasia, e

Administrador da Diocese de Lyon, edificada sob sua inspiração e em parte, graças a sua ajuda.

Foi o P. Champagnat que a fundou, que a habitou e santificou pelas santas missas que celebrou, pelas orações, pelos trabalhos e sofrimentos. Assim também, todos os santos Irmãos que ali viveram com ele e depois dele, e dos quais muitos repousam no mesmo cemitério, como num grande relicário.

13.11.1870

A casa de l'Hermitage é santa: 1.º porque é uma casa religiosa consagrada a Deus; 2.º porque foi construída e habitada por nosso santo Fundador; 3.º porque foi adornada, embelezada, embalsamada pelas orações e as virtudes de um grande número de Irmãos.

Esta casa e a própria igreja deixariam de ser um lugar santo, se fossem habitadas, profanadas por pessoas ímpias, homens escandalosos, etc., usada para fins criminosos. Seria então preciso fazer um ato de reparação e proceder a uma nova consagração.

Por que os lugares santos da Palestina e tantos outros países, em toda parte, são tão respeitados, tão venerados, que neles se edificam igrejas e para os quais acorrem peregrinos de todos os cantos do universo? Porque foram santificados pelos mistérios de Cristo, as aparições e os milagres de Nossa Senhora ou pela presença e os prodígios dos santos.

E os santos e santas do paraíso, por que é que os honramos e invocamos com tanta confiança e amor? Porque são belas igrejas ornadas de todas as virtudes e dons do Espírito Santo. Da mesma forma honramos e respeitamos, as pessoas santas e consagradas a Deus.

Ó Santo dos Santos! Senhor de todas as coisas, conservai sem mácula, esta casa santa! “Como são amáveis vossos tabernáculos Deus das virtudes! A santidade é o ornamento de vossa casa” (2 Mac, 14 – salmo 83, 92).

20.11.1870

Amanhã é o dia da Apresentação de Nossa Senhora no Templo. Maria estava numa casa santa e Ela rezava, ela trabalhava. Eis nosso modelo, em l'Hermitage, neste retiro tão pacífico, nesta cara solidão, onde uns começam e outros terminam a carreira religiosa. Como serão felizes e quanto bem farão ao se formarem de acordo com este modelo!

Palavras do Fundador

05.10.1862

Vocês sabem o que se diz na Vida do P. Champagnat a respeito da Angélica virtude. Dizia que o espírito imundo fugia desta casa. Não ousava nela entrar, a menos que alguém o fosse buscar e lhe abrisse a porta. Muitos Irmãos sentiram quanto bem lhes fez a permanência nesta bendita solidão.

13.12.1863

Jesus vem a nós pelo caminho da humildade e da obediência; é preciso passar pelo mesmo caminho para chegar até ele. (P. Champagnat).

A história, dizia o P. Champagnat, é uma lista de mortos. Que sentimos ao ler a narração do que fizeram? Onde estão agora? Onde estaremos, um dia, nós mesmos? Que herança deixaremos a nossos irmãos?

19.02. 1865

Vocês têm, para vocês e com vocês, Deus, a Regra, a justiça, a caridade, os Superiores e todos os bons Irmãos. Do que têm ainda medo? Se Deus está conosco, dizia São Paulo, quem estará contra nós? (Rom. 8). Eram frases que o P. Champagnat repetia com prazer.⁵⁶

11.03 1866

O que fazia os santos tremerem era sobretudo o medo de abusar da graça, dizia Champagnat. Lembrem do que diz o catecismo? A resistência à graça faz com que nós a percamos: ela seca a fonte de futuras graças, expõe à cegueira, ao endurecimento e à condenação.

28.10.1866

Nos escritos do P. Champagnat, encontramos a instrução que serve de prefácio à Regra, escrita inteiramente por ele. “A ordem vem de Deus e conduz a Deus. Quem vive de acordo com a Regra vive de acordo com Deus. Ela é o caminho e a escada do céu”.⁵⁷

⁵⁶ Ver: Cartas de M. Champagnat, vol. 1, n.º 16, 17, págs. 56, 58

⁵⁷ Trata-se da instrução relativa à estima que é preciso ter pelas Regras que precede a regra de 1852. retomada textualmente da regra de 1837, e de fato redigida pelo P. Champagnat.

10.02.1867

Na época do carnaval, São Francisco de Sales escrevia a Santa Chantal: Eis o tempo que me entristece! Meu coração fica dilacerado pela dor vendo tantas almas que se demandam. Champagnat dizia que quando alguém é abandonado pela maioria de seus amigos, os que vêm visitá-lo lhe causam grande alegria e demonstram que estão apegados a ele. (Vida de S. F. de Sales, I, 7. C. 11; Espírito I, 2, C. 11, s. 2)

13. 10.1867

O P. Champagnat dizia que um de seus tios rezava todos os dias um Pai Nosso e uma Ave Maria para as pessoas distraídas, isto é para as pessoas que não sabiam administrar seus negócios e pouco a pouco perdiam tudo e aplicava isso a certos Irmãos que não aproveitavam bem das coisas e não cuidavam da mobília.

02.02.1868

Digam-me com quem andam e eu direi como vocês são (Provérbios).⁵⁸ Quem se assemelha se ajunta, dizia o P. Champagnat. O religioso fora de sua casa é como um peixe fora da água (Santo Antônio. O cartucho, em La Côte).

10.01.1869

O P. Champagnat dizia: O pensamento “Deus me vê” é suficiente para expulsar o demônio e afastar as tentações. E o cura d’Ars: “Com o pensamento “Deus me vê” nunca pecaríamos”. Sirvamo-nos dele para caminhar generosa e constantemente, no caminho da virtude.

11.07 1869

Um solitário se aborrecia em sua cela e estava tentado a abandoná-la. Consultou um antigo monge que o aconselhou a resistir à tentação dizendo-lhe: “É por amor a Jesus Cristo que eu fico entre as paredes desta cela”. Procuremos ser como um cachorrinho aos pés do dono, diz o P. Champagnat; como uma criança amorosa diante de Deus, dizia São Francisco de Sales (Vida, Hamon L. 7 C. 2).

⁵⁸ O texto de Provérbios 13, 20, na verdade é: “Quem anda com os sábios, se torna sábio; o amigo dos insensatos se assemelhará a eles”.

04.09.1870

Quem comete um pecado venial, que falta a seus deveres e perturba a ordem da Casa, nos faz um mal maior do que poderiam fazer-nos os prussianos e a revolução. Quem está em estado de graça nada tem a temer. O amigo de Deus se sente sempre feliz. (P. Champagnat).

27.11.1870

Champagnat dizia que era sobretudo no refeitório que se via que uma pessoa estava doente. É mau sinal quando a pessoa só está doente nos momentos da oração. Aliás, o que adianta ficar meia hora ou uma hora a mais na cama?

19.11.1871

Podemos ter os mesmos sentimentos que Maria quando morava nos apartamentos contíguos ao Santo dos Santos. Nossa capela faz parte de nossa casa e segundo a expressão do P. Champagnat “moramos sob o mesmo teto que Jesus”.

13.12.1871

Observem bem suas Regras dizia Champagnat a seus Irmãos. Ensinem bem o catecismo às crianças: isso é o que mais nos consolará na hora da morte. Pense apenas no que está fazendo neste momento ou ao que gostaria de ter feito na hora da morte, dizia a outro. Meu amigo, dizia a um jovem Irmão: O que, hoje, mais o faz sofrer, na vida religiosa, será seu maior consolo na hora da morte. (Vida 1.^a parte, C. 22 – 2.^a parte, C. 2)⁵⁹

04.02.1872

Da mesma forma, podemos conhecer o valor de nossa vida, pela maneira como rezamos. Da mesma forma, podemos conhecer a qualidade de nossa oração pela seriedade com que vivemos. Quem reza bem vive bem e quem vive bem reza bem. O bem só se faz pela oração, dizia o P. Champagnat.

02.06.1872

Quais são os religiosos que se arrastam no caminho da virtude? O P. Champagnat afirmava: são os dissipados, que pouco entram em si mesmos;

⁵⁹ Vida, ed. 1989, págs. 227 e 264.

os religiosos que não guardam o silêncio, que conversam muito com os homens e pouco com Deus. Cuidado! É o que mais nos deve interessar.

09.06.1872

O P. Champagnat dizia (Vida, 2.^a parte, Cap. 16. T. 2. pág. 245): O Irmão Diretor que pede silêncio, que cuida dos estudos, que exige que cada Irmão faça bem seu emprego, faz evitar, cada dia, uma multidão de pecados. Preserva seus Irmãos de uma infinidade de perigos, de tentações, e lhes presta um grande serviço.⁶⁰

29.11.1874

Uma devoção terna e filial a nossa Boa Mãe, vos anime em todo tempo e lugar. Ela é a primeira Superiora de toda a Sociedade. Como estas palavras do Testamento Espiritual de nosso Fundador servem para excitar nosso fervor neste tempo consagrado à preparação à festa da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem!

Na Regra está escrito (1.^a P. C. 6)⁶¹: “Todas as festas de Maria serão festas de família, para os Irmãos. Serão celebradas com grande alegria, respeito, amor, e reconhecimento filiais”. Os Irmãos honrarão de modo especial o glorioso privilégio da Imaculada Conceição, prestando atenção, para celebrar esta festa, com grande fervor e procurando invocar, muitas vezes, Maria concebida sem pecado.

Nosso venerado Pai afirmava: “Espero que Nossa Senhora não permitirá que se condene nenhum dos Irmãos que perseverarem até a morte na vocação.⁶² É o que a experiência nos ensinou. Todos os Irmãos que morreram no Instituto, deixaram este mundo, com disposições verdadeiramente cristãs, e diversos, com sinais evidentes de predestinação. Por isso, a devoção a Maria lhe parecia um sinal evidente de vocação.

Os modelos do Fundador

07.04.1861

Relatos do Vel. J. B. de La Salle com o P. Champagnat para o Insti-

⁶⁰ 2.^a parte, capítulo 16, parágrafos enumerados, N.º 2, pág. 245 da primeira edição; Ed. 1989, págs. 452-453

⁶¹ Regra, edição de 1852, primeira parte, capítulo 6, regra n.º 4, pág. 14.

⁶² Cf. Vida, ed. 1989, pág. 316

tuto deles: Comumente: perseguições, contrariedade por parte das autoridades, dos seculares, dos Irmãos.

14.07.1861

6.^a feira: São Vicente de Paulo. Como Nosso Senhor, passou fazendo o bem. (Atos, 10) Relações entre este santo e o P. Champagnat (Instruções, 1499).⁶³

04.05.1862

Relações do P. Vianey, Cura de Ars, com o P. Champagnat, quanto à maneira de agir, de ensinar, etc. Seu zelo, seus conselhos, sua caridade, sua austeridade, etc. Decoração da Igreja – Procissão do Santíssimo – abusos, danças, etc. Leiam suas vidas e comparem uma à outra.

09.11. 1862

A mortificação é a virtude de todos os santos. É o segredo para merecer muito, sem que os outros o percebam. São Francisco de Sales apreciava muito estas pequenas virtudes que nascem ao pé da cruz (Espírito, 2.^a parte. C. 1. 3. 8) e o P. Champagnat também (Vida, humildade).⁶⁴

30.08.1863

Lendo ou ouvindo ler a Vida de São Francisco de Sales, Fundador das Irmãs da Visitação, a do P. Marcelino Champagnat, Fundador dos Irmãos de Maria, quantas aproximações edificantes podem ser feitas! Não as menosprezemos. As duas sociedades têm o mesmo espírito e quase as mesmas regras.

Lendo os escritos de São Francisco de Sales e as Instruções e Avisos de nosso venerado Pai, nós honramos as relíquias de seu espírito ou melhor, o Espírito de Deus que nos fala.

11.06.1865

O P. Champagnat tinha uma grande devoção a São João Francisco Régis, como se nota em sua vida. Deu-o como Patrono secundário e fazia sua novena com piedade e confiança.

⁶³ As “instruções” a partir da de n.º 1415, foram perdidas. A que é indicada aqui não existe mais.

⁶⁴ 04.05.1862 Vidas, ed. 1989, cap. 12. Sua humildade, pág. 371 e ss.

30.07.1865

2.^a feira, Santo Inácio de Loyola, Fundador da Companhia de Jesus. Seu lema era: “Tudo para a maior glória de Deus”. E o P. Champagnat acrescentava: “e para a honra da augusta Maria, Mãe de N.S.J.C. Os Padres Maristas e os Pequenos Irmãos de Maria são amigos íntimos.

01.12. 1867

Um dia, São Francisco de Sales, numa visita pastoral, não sabia como acabar tantos assuntos difíceis que o martirizavam. Ouviu tocar o sino para as vésperas. Foi imediatamente rezar. Ao voltar, num quarto de hora resolveu tudo. Ficou tão surpreso com isso que não pode deixar de exclamar: “Foi Deus que arrumou tudo!” (Vida, L. 4 C. 5, t. 1. pág. 543). O P. Champagnat, numa ocasião igual a esta, foi também à capela e obteve o mesmo resultado (Vida, 2.^a parte, C. 6. T. 2. p. 83).⁶⁵

23.08.1868

5.^a feira. São José Calasans, Fundador das Escolas Pias, em Roma. Sua vida tem muitos aspectos semelhantes á vida de Champagnat. seu zelo pela salvação das almas, desde a juventude. O objetivo de seu Instituto é educar cristãmente as crianças, ensinar-lhes a ler e escrever. Os favores que recebeu de Maria, etc., estabelecem uma grande semelhança entre os dois Fundadores.

18.07.1875

2.^a feira. São Vicente de Paulo, o patrono do mês. Que belo modelo de humildade, de caridade, de regularidade e de piedade! Quando se compara a vida dele com a de Champagnat quantos belos traços de semelhança se notam!

Nascidos de pobres que ganham a vida pelo trabalho, um deles cuida de rebanhos e o outro cria cordeiros. Ambos têm uma grande devoção a Maria e os dois ensinam as crianças.

São Vicente faz muito bem em Clichy, em Châtillon, pela caridade, pela pregação, pela cordialidade e outras virtudes. O P. Champagnat fez o mesmo em La Valla.

Foi confessando um doente que São Vicente ficou sabendo das necessidades dos campesinos e fundou a Congregação para os instruir. Foi

⁶⁵ Id. pág. 306

confessando o jovem Montagne que Champagnat resolveu por mãos à obra logo, para executar seu projeto de fundar uma Congregação de Irmãos educadores.

As ocupações de um e de outro, na comunidade, seus trabalhos, seus sofrimentos, seus conselhos, forma quase idênticos. A maneira de governar, de corrigir e de conduzir os religiosos era a mesma.

Por fim, observemos o comportamento deles, tão regrado, tão edificante durante a última doença, à distância de dois séculos, acontecida na mesma hora (4h00 da manhã) enquanto a comunidade rezava, na capela. E continuam a fazer o bem pelos seus religiosos.

Fatos que recordam o P. Champagnat

16. 01. 1861

Vocação à vida religiosa. Votos da profissão, significados pelos presentes dos Magos. Grande festa, para o P. Champagnat (Vida 1 p. c. 3 pág. 35).⁶⁶

Rezar pela SM – pedido de vocações.

03.02.1861

Parábola da semente aplicada à vocação (Instruções, 795). Domingo próximo: 40 horas. Exercícios durante a adoração: 1- salmos de penitência; 2- hora santa; 3- Orações das horas de Lyon; 4- Atos da oração ou da meditação; 5- Oração universal; 6- Silêncio diante de Nosso Senhor (o soldado de Orleães, o camponês do santo Cura de Ars) (distintivos, comparações, 420, 640).⁶⁷

01.06.1862

Morte de Marcelino Champagnat, na vigília de Pentecostes – Lembrar o Testamento Espiritual.

04.10.1863

Foram feitos todos os retiros e as aulas começam. É preciso rezar pelos Irmãos e para os alunos. Recordemos o zelo e as instruções do P.

⁶⁶ Vida, ed. 1989, pág. 29

⁶⁷ Caderneta n.º 8, pág. .97

Champagnat, rezemos com muito fervor o Pai Nosso pelos Irmãos e pelos alunos, na oração da noite.

29.11.1863

São Nicolau, o peregrino, repetia constantemente: Kyrie, eleison. Ao passar pelas ruas reunia as criancinhas e dando-lhes alguns docinhos, fazia-os repetir: Kyrie, eleison. O P. Champagnat quis que nós recitássemos todos os dias, o miserere.

31.07.1864

Achei que os conselhos que o P. Champagnat dava aos habitantes de La Valla, por ocasião da colheita dos frutos, poderiam servir para vocês e ser-lhes úteis. (Vida, 1.^a parte, C.5. pág. 54).⁶⁸ Assim falava aos leigos, mas quando falava aos Irmãos, era mais severo. Vejam na 2.^a parte, C 11, pág. 168.⁶⁹

08.10.1865

Roupa, lenços ou outros objetos estendidos ao longo do rio, e em perigo de serem levados pelo vento, a água, os que passavam. Meias e outras peças colocadas para molhar e deixadas no rio e em perigo de serem levadas pela corrente. Solicitude, cuidado pelas coisas da casa. Champagnat.

02.06.1867

Conselhos do P. Champagnat para os habitantes de La Valla para a estação das frutas (Vida T. 1, pág. 54).⁷⁰ Seus conselhos aos Irmãos, sobre a mortificação.⁷¹

03.04.1870 Domingo da Paixão.

Na missa reza-se o prefácio da cruz. Nas vésperas canta-se o hino da Cruz; façamos sempre bem o Sinal da Cruz, assim recomendava o P. Champagnat. O Irmão Superior o quer. Não saíamos do lugar antes que tenha sido terminado.

⁶⁸ Caderno 310, nota 420, pág. 169; a respeito da nota 640, não existe mais.

⁶⁹ Vida, ed. 1989, pág. 302

⁷⁰ Id. pág. 45

⁷¹ Id. pág. 363

05.02.1871

A casa está sendo provada por uma epidemia. Alguns estão com varíola. Mas o bom P. Préher, pároco de Tarantaise, amigo do P. Champagnat, ao visitar uma casa, onde desde algum tempo havia doentes, pronunciou estas palavras admiráveis: “Casa onde existe aflição é também casa de bênção”.

A Regra diz que devemos considerar os doentes como um tesouro, como motivo de bênção para o Instituto: e com estes sentimentos, proporcionar-lhes todos os cuidados exigidos pela enfermidade (Regras Comuns, 3, p. C. 13). As doenças e as aflições são causa de penitência muito meritória.

31.12.1871

Cinqüenta e dois anos atrás, eu me encontrava no quarto do P. Champagnat, com o Irmão Luiz e os outros Irmãos, reunidos para a oração da última hora do ano e da primeira hora do ano novo. Quando o relógio do seu quarto (o mesmo que serve para as aulas), soou a meia noite, o P. gritou, Adeus! Ano 1819! Adeus para sempre! A impressão causada em mim por estas palavras ainda perdura.

21.01.1872

Vocês ouviram, pela leitura da Vida do P. Champagnat, o que diz a respeito do Diretor que não se incomoda com a observância da Regra pela comunidade (Vida 2. pág. C.16).⁷² Por ali vocês vêem que não se pode negociar com a Regra nem com o dever; e que não duvidava em castigar, nem mesmo em despachar quando fosse necessário. Ele precisava de elementos, mas queria que fossem bons.

01.09.1872

O P. Chapuis, nosso capelão, quis dar a cada Irmão, como presente e como sinal de sua tenra e generosa afeição pelos Irmãos, um santinho de uma associação de oração.

Falou-me muitas vezes de seu apego aos Irmãos e à SM e dizia sentir-se muito a gosto em l’Hermitage, porque a casa lhe recordava o P. Champagnat, pelo qual nutria grande veneração.

Não me escondia a grande atração que sentia pela vida religiosa, de

⁷² Cf. Sentenças, lições, Conselhos

tal forma que, lamentando a separação física, sente-se feliz em poder unir-se aos Padres Missionários de N. S^a. da Salette, da qual é muito devoto.

Prometeu-me que durante toda a vida, em cada missa, ele rezaria pelos membros da Sociedade dos Pequenos Irmãos de Maria para que cumpram os objetivos de sua vocação.

09.02.1873

A Igreja hoje se vestiu com os ornamentos de penitência. Não canta mais “aleluia!”. Procuremos recordar e vivenciar bem o que nos diz a Regra, no capítulo: o espírito de penitência.

Como eu gostaria que nós chegássemos a bem compreender a doutrina da penitência vivida regularmente, quotidiana, quase imperceptível, mas muito meritória aos olhos de Deus, como nos diz o P. Champagnat (Instrução preliminar).⁷³

09.08.1874

Mais alguns dias e estaremos celebrando a nossa grande festa Patronal que nos é recordada pela grande pintura de Ravéry de Saint-Chamond, a pedido do P. Champagnat. Que nosso corpo esteja aseado, nossa alma santificada, nosso coração enfeitado, nosso espírito cheio de luz.

22.11.1874

O Testamento Espiritual de nosso querido e venerado Fundador e Pai, recorda a cerimônia tocante e solene que foi celebrada no quarto, alguns dias antes da morte, quando, toda a comunidade, reunida ao redor de sua cama, o Irmão Luiz Maria, então primeiro Assistente, leu-o, depois que o bom Padre recebeu a indulgência “in articulo mortis”.

Imaginem com que atenção e ternura se escutou esta leitura! O bom Padre acrescentou algumas palavras ao que foi lido. Depois, toda a comunidade se ajoelhou e eu pedi ao Padre de abençoar os que estavam presentes e aos ausentes e a todos os que fariam um dia parte do Instituto. Deu então a bênção, com muito fervor e afeto, como São Francisco tinha feito em ocasião semelhante.

Depois que recitamos três *Ave Marias*, o *Lembrai-vos* e o *Sub tuum*, a comunidade, enternecida, se retirou. O P. Champagnat testemunhou então sua satisfação pelo que acabava de se passar: estou muito contente que todos os Irmãos possam conhecer e ler meus últimos conselhos e

⁷³ Caderneta n.º 307, pág. 4

minha última vontade: eu tinha obrigação de lhes proporcionar esta consolação, pelo afeto que testemunham ter por mim.

Antes de morrer, o bom Padre nos prometeu que nunca nos esqueceria e que empregaria em favor da Sociedade toda a influência que poderia ter lá no céu. Vejam se não é verdade: quando morreu, éramos 200 e tínhamos 43 casas; hoje, temos 443 (sic) (475, 11 de novembro de 1874) e somos perto de 3.000. Há 34 anos que nosso querido e venerado Fundador morreu.

O testamento de um pai é para a família, sempre, uma coisa sagrada. Todos assumem o compromisso de cumpri-lo exatamente e quem recusasse cumpri-lo seria considerado filho desnaturado. Procuremos então, viver e agir sempre de acordo com o que nos recomendou nosso bom Pai.

Que felicidade! se na hora da morte, podemos dizer como ele: morro cheio de respeito, de reconhecimento e de submissão por meu Superior e com os sentimentos da mais perfeita união com todos os membros da Sociedade. Penso que nunca dei, voluntariamente, motivo de queixa a ninguém.

13.12. 1874

Deixo-os todos nos Santos Corações de Jesus e Maria, enquanto espero o dia em que nos reuniremos todos juntos, no céu. Como são cheias de ternura, emoção e afeto as palavras finais do Testamento de nosso querido e venerado Pai!

No começo do último parágrafo, nos pede que sejamos fiéis à nossa vocação, a amá-la e a ser-lhe fiel, com muita coragem. Existem dificuldades, para viver como bom religioso, mas a graça torna tudo fácil. Além do mais, a vida é muito curta enquanto a eternidade nunca terminará. Pensemos nisso, durante este mês que parece tão triste, segundo a natureza, mas que é tão rico, na linguagem da graça.

30.01.1875

A devoção com que o P. Champagnat rezava a santa missa era admirável: nunca deixava de a celebrar cada dia. Muitas vezes, durante suas viagens, passava a manhã em jejum, porque esperava poder celebrar no lugar para o qual estava indo. (Vida, 2.^a parte, C. 6).⁷⁴

⁷⁴ Vida, ed. 1989, pág. 310

Outras reminiscências

01.01.1862

Efeitos benéficos da penitência do Irmão Lourenço, no refeitório (Vida do P. Champagnat, 2.^a parte, cap. 16)

17.08.1862

Recomendo-lhes, sempre e em todo lugar, a devoção, a regularidade, a alegria, a caridade. Vocês passaram pelo grande relicário do P. Champagnat. Levem por toda parte seu espírito, seu zelo, sua dedicação e todas as suas virtudes.

12.10.1872

Silêncio, presença de Deus, em toda humildade, para com Deus, para com o próximo e para conosco mesmos. Fazer tudo como se o P. Champagnat estivesse presente e testemunhasse o que dizemos e fazemos. Ele não ousaria dizer ou fazer algo de errado.

30.08.1862

Pensemos a miúdo: Se o P. Champagnat estivesse me vendo, eu faria isso? Eu diria isso, ficaria onde estou? Como procederia durante a oração, as refeições, etc?...

18.09.1864

Regras comuns, 2.^a parte, cap. 7 O espírito de penitência e de mortificação. Vida do P. Champagnat, 2.^a parte, cap. 11. Seu amor a mortificação. Importância que atribui às pequenas coisas. Um fósforo, uma chama pode incendiar uma casa, uma cidade. Grandes fortunas começaram com alguns centavos, vendendo bananas, etc...

28.07 1867

(Um Irmão viu na mesa de um P. Marista, o livro “Combate Espiritual”, um livro de ouro, um “pense bem nisso!”⁷⁵ livros que são fundamentais para o nosso Instituto e que eram tão recomendados pelo P. Champagnat.

⁷⁵ Nota do tradutor: Livrinho que foi traduzido para o português e que se usava muito nos retiros, até antes do Concílio Vaticano II.

22.09.1867

Se o Irmãozinho que guardava dinheiro e tinha pego alguns livros sem licença, tivesse vindo por iniciativa pessoal, confessar suas falhas e entregar estas coisas ao P. Champagnat, teria sido mandado embora? Não, pois este ato teria sido prova de que queria se corrigir. (Vida, 2.^a parte, c. 9).⁷⁶

13.09.1868

Podemos dizer que l'Hermitage é agora: começo e fim. Os postulantes e noviços vêm aqui, começar sua vida religiosa e os Irmãos anciãos vêm para se preparar a bem terminar sua carreira por uma santa morte. O P. Champagnat pode pois encontrar nesta casa, os mais velhos e os benjamins.

18.10.1868

Vocês sabem o que está escrito na Perfeição Cristã de Rodrigues (pág. 3. I Tr. C. 32)⁷⁷ e o que diz o P. Champagnat (Vida, 2.^a parte, cap. 4)⁷⁸, destes Irmãos obscuros, empregados nos trabalhos mais humildes da comunidade, escondidos aos olhos do mundo, e que por suas orações e suas virtudes, fazem prosperar as escolas, ajudam aos missionários a conseguir seus objetivos, etc.

20.12.1868

Feliz o Irmão que praticar o que está no livro das sentenças, conselhos e instruções do P. Champagnat! Leva uma vida santa e edificante; contribui para a felicidade de muitas pessoas neste mundo e prepara a felicidade eterna no céu.

20.11.1870

A exemplo dos Santos solitários, unimos ao trabalho a oração e o estudo. A necessidade, os frutos do trabalho, os perigos, as conseqüências funestas da preguiça, merecem nossa atenção. Vocês sabem o que o P. Champagnat pensava a este respeito.

⁷⁶ Vida, ed. 1989, pág. 352.

⁷⁷ Referência exata: 3.^a parte, 1.^o tratado, capítulo IX: O segundo meio por meio do qual as almas produzam frutos espirituais: a meditação.

⁷⁸ Vida, ed. 1989, pág. 299

18.06.1871

O P. Bourdin que fez seu noviciado de P. Marista, aqui em casa, guiado pelo P. Champagnat e escreveu a vida do P. Chanel, pregando em Saint-Chamond, durante a procissão do Corpo de Deus, tomou como temas, estas palavras do Santo Evangelho: “Para quem serão os que vós preparastes” (Lc. 17)!

19.07.1874

Lembro-me de uma palavra que um bom amigo do P. Champagnat disse ao Irmão Diretor de seu estabelecimento, a respeito de um jovem Irmão que olhava para todos os lados, na Igreja: “Este Irmão não é edificante!” Eis ao que a gente se expõe quando não toma cuidado.

30.07.1874

O P. Champagnat, nosso venerado Fundador, colocou entre os principais meios de perfeição: aproveitar bem os tempos de recreio. E ele queria que lembrássemos este meio, cada vez que fazíamos a culpa. Durante as férias, os recreios são compridos.

01.01.1871

Quando se lê a vida dos Padres dos desertos, notamos, com alegria as semelhanças que há entre suas regras e as nossas, entre suas máximas e as de nosso santo Fundador. Nota-se que os religiosos de hoje são formados da mesma forma que os do século IV.

12.05. 1872

Vejam também quanto Deus os ama! Vejam como Ele os faz apreciar os doze preciosos dons do Espírito Santo: a caridade, a alegria, a paz, etc (Gal 5). Jesus Cristo e os apóstolos nos recomendaram muito a caridade. Nosso Fundador também. Como é bom vê-la reinar entre nós.

